

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

FABIO SOARES DE MELO

**PERCEPÇÕES DOS MEMBROS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE
HISTÓRIA DA ENFERMAGEM ACERCA DOS RITOS IDENTITÁRIOS
INSTITUCIONAIS**

São Paulo

2019

FABIO SOARES DE MELO

**PERCEPÇÕES DOS MEMBROS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE
HISTÓRIA DA ENFERMAGEM ACERCA DOS RITOS IDENTITÁRIOS
INSTITUCIONAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde.

Área de concentração: Fundamentos e Práticas de Gerenciamento em Enfermagem e em Saúde

Orientador: Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas

São Paulo

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____

Data: ___/___/___

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Melo, Fábio Soares de

Percepções dos membros da Academia Brasileira de História da Enfermagem acerca dos ritos identitários institucionais / Fábio Soares de Melo. São Paulo, 2019.

104 p.

Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas

Área de concentração: Fundamentos e Práticas de Gerenciamento em Enfermagem e em Saúde

1. História da Enfermagem. 2. Identidade Profissional.
3. Enfermagem. 4. Ritos. I. Título.

Nome: Fábio Soares de Melo

Título: Percepções dos Membros da Academia Brasileira de História da Enfermagem acerca dos Ritos Identitários Institucionais (MEST).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas

Instituição: EEUSP

Assinatura: _____

Prof. ^(a) Dr. ^(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. ^(a) Dr. ^(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. ^(a) Dr. ^(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

*A minha família, os maiores amores da minha vida a quem dedico todas as
minhas vitórias.*

*Aos amigos, companheiros de todos os momentos, pela compreensão e
carinho ao longo do período de elaboração deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Ao orientador e amigo, Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas, pela competência e respeito com que conduziu este processo, do alvorecer da ideia até a sua síntese.

Aos Professores Dr. Fernando Rocha Porto, Dra. Cláudia Prado e Dra. Helena Maria Fekete Nuñez, pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação.

À Profa. Dra. Taka Oguisso pelas oportunidades e pela confiança em meu potencial

Aos meus amigos queridos, testemunhas e grandes encorajadores nessa minha trajetória: Magali Takashi, Beatriz Quirino, Ágata Brito, Reinaldo Junior, Leandro Lira e Pamela Adalgisa.

*“Aqueles que não conseguem lembrar o
passado estão condenados a repeti-lo”.*

(George Santayana, 1863-1952)

Melo FS. Percepções dos Membros da Academia Brasileira de História da Enfermagem acerca dos Ritos Identitários Institucionais [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2019.

RESUMO

Introdução: A Academia Brasileira de História da Enfermagem - ABRADHENF, fundada em 13 de agosto de 2010, congrega todos os interessados na temática da história da enfermagem e dentre seus ritos destaca-se o da indicação e posse do membro acadêmico. Este estudo é de abordagem qualitativa, baseado no referencial metodológico da História Oral Temática.

Objetivos: descrever analiticamente os significados atribuídos pelos membros da Academia Brasileira de História da Enfermagem aos ritos de pertencimento e formação identitária.

Método: A entrevista foi realizada com os membros fundadores e membros acadêmicos cujo produto foi obtido através da análise de conteúdo de Bardin e analisado sob a perspectiva de Claude Dubar, pesquisador das identidades sociais.

Resultados: Foram extraídas as categorias Identidade Profissional e Imagem Social da enfermagem na percepção da academia, Processos de construção identitária na ABRADHENF e desta foram construídas duas subcategorias: a) Conflitos e desafios no percurso da formação identitária da academia e b) Construção de experiências de reconhecimento e pertencimento no contexto da academia, Valorização dos Ritos e Símbolos no processo de (re)construção identitária da academia.

Discussão: As categorias revelam elementos importantes dentro do processo de construção identitária daquele coletivo. A recusa à identificação atribuída pelo outro desencadeou ações importantes que resultaram em transformação nas identidades dentro da academia com implicações nas práticas daqueles atores sociais.

Conclusões: As identidades dos membros da academia são construídas através das interações com outras instituições que influenciam diretamente nesse processo.

Impacto da pesquisa: Fomentar discussões acerca dos modos como operam as construções identitárias do profissional enfermeiro.

Implicações para a prática: Entender a construção das identidades profissionais favorecem a construção de novas práticas no campo da atuação profissional.

Palavras-chave: História da enfermagem. Identidade profissional. Enfermagem. Ritos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior – Brasil (CAPES) – código de Financiamento 001.

Melo FS. Perceptions of Members of the Brazilian Academy of Nursing History about Institutional Identity Rites [thesis] São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2019.

ABSTRACT

Introduction: The Brazilian Academy of Nursing History - ABRADHENF, founded on August 13, 2010, brings together all interested in the history of nursing and among its rites stands out the appointment and possession of the academic member. This study has a qualitative approach, based on the methodological framework of Thematic Oral History. **Objectives:** To describe analytically the meanings attributed by members of the Brazilian Academy of Nursing History to the rites of belonging and identity formation. **Method:** The interview was conducted with the founding members and academic members whose product was obtained through content analysis of Bardin and analyzed from the perspective of Claude Dubar, researcher of social identities. **Results:** We extracted the categories Professional Identity and Social Image of nursing in the perception of academia, Processes of identity construction in ABRADHENF and from this were built two subcategories: a) Conflicts and challenges in the path of identity formation of the academy and b) Construction of recognition experiences and belonging in the context of academia, Valorization of Rites and Symbols in the process of identity (re) construction of academia. **Discussion:** The categories reveal important elements within the process of identity construction of that collective. The refusal to identify attributed by the other triggered important actions that resulted in transformation of identities within the academy with implications on the practices of those social actors. **Conclusions:** The identities of academy members are built through interactions with other institutions that directly influence this process. **Research Impact:** To foster discussions about the ways in which the identity constructions of the professional nurse operate. **Implications for practice:** Understanding the construction of professional identities favors the construction of new practices in the field of professional practice.

Keywords: Nursing history. Professional Identity Nursing. Rites.

LISTA DE SIGLAS

ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem
ABL	Academia Brasileira de Letras
ABRADHEFN	Academia Brasileira de História da Enfermagem
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CIE	Conselho Internacional de Enfermeiros
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
COREN	Conselho Regional de Enfermagem
EEUSP	Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
SIICUSP	Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade de São Paulo
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	JUSTIFICATIVA	16
1.2	A ACADEMIA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM.....	17
1.3	OS RITOS	20
1.4	PRESSUPOSTO E PROBLEMA DE PESQUISA.....	21
2	OBJETIVOS	23
3	PERCURSO METODOLÓGICO	25
3.1	TIPO DE ESTUDO.....	25
3.2	METODOLOGIA	25
3.3	MÉTODO	26
3.3.1	Fontes de pesquisa.....	26
3.3.2	Suportes teóricos do uso da fotografia como fonte para a pesquisa	27
3.3.3	Delimitação temporal e espacial	27
3.3.4	Critérios de inclusão dos participantes.....	28
3.3.5	Aspectos éticos.....	28
3.3.6	Instrumentos de coleta de dados	29
3.3.7	Análise dos dados.....	29
4	REFERENCIAL TEÓRICO	32
5	RESULTADOS.....	36
6	DISCUSSÃO	44
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
	REFERÊNCIAS	63
	APÊNDICE	66

APÊNDICE 1 -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	66
ANEXOS	69
ANEXO 1 - ENTREVISTADO 1	69
ANEXO 2 - ENTREVISTADO 2	74
ANEXO 3 - ENTREVISTADO 3	87
ANEXO 4 - ENTREVISTADO 4	88
ANEXO 5 - ENTREVISTADO 5	91
ANEXO 6 - ENTREVISTADO 6	95

1 INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa em história é de grande importância para os estudos críticos pois permite uma imersão nos aspectos mais relevantes quando se deseja desvendar acontecimentos passados, retomando-os e discutindo-os sob uma perspectiva mais atual.

Löw (2013, p. 26) ressalta que:

A história constitui importante base para rever caminhos já percorridos, na busca de lacunas a serem analisadas, no aprofundamento de estudos ou de reflexão temática para destacar a origem de um acontecimento ou iniciar uma reflexão sobre diversas temáticas. Todavia, mais que uma narrativa linear, introdutória ou sobre acontecimentos notáveis, a história deve problematizar contextos histórico-culturais, bem como fundar suas análises a partir de evidências, registros ou sinais que permitam o acesso a outras possibilidades de interpretação do passado.

Através da História abre-se um leque de possibilidades de estudos crítico-reflexivos possibilitando um olhar voltado ao passado, porém, estabelecendo conexão com o presente no intuito de compreendê-lo no contexto de análise dos movimentos atuais. A essa interação entre passado, organizando-o, e presente Le Goff (2000, p. 26) denomina de “função social da história”.

Donoso e Donoso (2016) também compartilham com o pensamento de que a história não está presa somente ao passado e afirmam que ela permite compreender o presente e traçar o futuro, ampliando aqui seu campo de atuação.

Novamente Le Goff (2000, p. 26) que nos diz: “o passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativo da história[...] À relação essencial presente-passado é necessário acrescentar o horizonte do futuro.”

Então, passado, presente e futuro estão intrinsecamente ligados à história sendo esta capaz de integrar estes três momentos e, quando o foco está em compreender os movimentos de construção de uma identidade profissional a história torna-se extremamente relevante, seja buscando elementos que ajudem a entender sua origem, seja buscando elementos que ajudem a compreender o momento atual no qual esta identidade apresenta-se ou seja buscando traçar conjecturas que ajudem a desvelar os rumos que esta profissão configurou-se ao longo do processo histórico.

Nascimento (2007) afirma ser a identidade profissional um processo em constante construção nunca acabado, dinâmico e interativo baseado em múltiplas interações sociais. Nessa construção a autora ressalta dois aspectos fundamentais, a importância do processo de

socialização profissional e das interações nos contextos de trabalho (Sainsaulieu, 1996; Dubar, 1997; Dubar e Tripier, 1998, apud Nascimento, 2007) e o papel decisivo das representações, que são permanentemente (re)construídas na ação profissional. (Lautier, 2001, apud Nascimento, 2007)

Em relação à enfermagem, Barreira e Baptista (2003), ressaltam ser esta uma construção histórica e coletiva, marcada por rupturas, as quais, no entanto, não significam o apagamento do passado e o desconhecimento do que então foi construído. Padilha (2004) também corrobora dizendo ser a enfermagem uma profissão que, ao longo do tempo, vem desconstruindo e reconstruindo sua história.

O processo de construção identitária assinalado pelos autores acima cujas palavras mais emblemáticas - ruptura, desconstrução, reconstrução - dão uma ideia do quanto esse processo, ainda em construção, não foi algo linear. Do ponto de vista de gênero uma provocação bastante contundente refere-se ao movimento histórico que fez com que os homens deixassem de fazer parte dessa profissão e até o presente momento sua reinserção ainda é bastante discreta. Outra provocação desta vez em relação à questão racial e igualmente pertinente que ainda encontra reflexos nos momentos atuais trata-se da exclusão das mulheres negras nesse processo construtivo da identidade profissional da enfermagem.

A História desempenha um papel crucial na tentativa de elucidar estes nós encontrados nesse processo e por meio dela, explicita Campos e Oguisso (2010) e Moreira (2014), é possível resgatar as raízes da enfermagem ao tempo em que o cuidado ainda ocorria dentro do ambiente doméstico das casas, vinculando-se posteriormente às atividades religiosas que imprimiram uma nova ressignificação ao cuidado humano e ao que seria posteriormente a profissão quando houve a necessidade de atribuir ao cuidado um saber teórico.

Campos e Oguisso (2010, p. 256) trazem uma definição de identidade profissional que complementa as definições trazidas pelos autores acima citados, contudo o enfoque está nas relações de significados que ajudam a moldar uma identidade profissional, contribuindo para o autoconhecimento e reconhecimento do grupo social a que pertencem: “conjunto de atribuições de significados que respaldam entendimentos e interpretações que as pessoas têm de si mesmas e do grupo a que pertencem”.

Historicamente, a relação enfermagem e sociedade foi marcada por conceitos, preconceitos e estereótipos (Padilha, 2004), que forjaram, ao longo da história, várias imagens associadas à figura da enfermeira: a da “enfermeira-mãe”, a da “enfermeira-religiosa” e a da “enfermeira-servidora” (Campos e Oguisso, 2010). Todas elas, na visão dos autores,

influenciaram o processo de formação identitária e, até hoje, a compreensão de seu significado enquanto profissão da saúde composta de gente que cuida de gente.

Sem dúvida a construção identitária de uma profissão passa pelas interações sociais entre indivíduos e pelas relações estabelecidas entre estes atores sociais (Santos, 2005). Nesse processo as representações sociais adquirem significado muito importante pois ajudam a cimentar essa identidade profissional, fortalecendo-a no imaginário coletivo.

Exemplo disso era a imagem social que as primeiras turmas de enfermeiras formadas no Brasil, período de 1924 a 1925, relatado por Porto e Santos (2009, p. 254), em que um conjunto de elementos simbólicos - uniforme, touca, lâmpada, instituição formadora, etc - buscava traçar um perfil para as enfermeiras com o significado de “espírito de serviço, viver com simplicidade, ser modesta, amar a todos igualmente, ser econômica, ser generosa e ser capaz de agir dentro dos princípios éticos e científicos com coerência entre o fazer e o saber, em prol da modernização da profissão”.

Sanchez et al. (2012, p. 18) dizem:

A imagem sócio-cultural-profissional e a identidade da enfermeira(o) são construídas com a influência de processos históricos e reconstruídas através de construtos, representações mentais e subjetividades dos diferentes atores sociais que mostram a realidade de uma disciplina constituída no passado, no presente e que apresenta desafios para o futuro. (Tradução minha)

Então, outro elemento pode ser incorporado à identidade profissional nessa trajetória histórica da enfermagem, trata-se da imagem profissional, definida por Silva et al (2002, p. 588) como “uma rede de representações sociais da Enfermagem, as quais por meio de um conjunto de conceitos, afirmações e explicações, reproduz e é reproduzida pelas ideologias originais no cotidiano das práticas sociais.”

Enquanto a percepção de identidade profissional opera no âmbito do reconhecimento que o profissional faz de si mesmo dentro do grupo ao qual pertence, a imagem profissional opera no âmbito das representações sociais atribuídas à enfermagem pelo coletivo social. Contudo, Silva et al. (2002) afirmam que há profunda relação entre identidade profissional e imagem profissional, sendo que esta remete-nos à própria identidade profissional, consubstanciada em um fenômeno histórico, social e político.

É possível inferir, da afirmação acima, que identidade e imagem profissional estão intrinsecamente ligadas, e dissociá-las seria uma tarefa impossível pois historicamente elas foram aproximando-se e ambas, atualmente, apresentam importante correlação com as práticas profissionais do enfermeiro. Contudo, um questionamento pertinente acerca dessa fusão entre

identidade e imagem profissional refere-se ao grau de percepção do profissional enfermeiro. Sobre isso Johnson et al (2012) afirmam que a relação entre a formação da identidade profissional e a sua retenção ainda não foi totalmente avaliada pela profissão de enfermagem. Contudo, segundo os autores, a lógica é que uma identidade profissional congruente, ou seja, quando a formação da identidade ocorre juntamente com sua retenção pelo profissional, isso pode levar a uma imagem pessoal e profissional positiva.

Moreira et al. (2009), Oguisso e Freitas (2014) afirmam que conhecer o passado da enfermagem constitui-se numa ferramenta indispensável ao desenvolvimento da profissão, não somente para avaliação de trajetórias históricas ou reconhecimento de transformações simbólicas, mas como legitimação da prática e das potencialidades inerentes ao exercício profissional.

1.1 JUSTIFICATIVA

O interesse do pesquisador pela temática da História da Enfermagem está vinculado à sua inserção na graduação em Enfermagem da Universidade de São Paulo. Durante alguns estágios curriculares notava-se certo distanciamento entre o que era ensinado nas aulas teóricas a respeito das práticas profissionais do enfermeiro e o que de fato ocorria durante o exercício da assistência. Notava-se que muitos enfermeiros não assumiam para si aquela atitude proativa enfatizada nas aulas teóricas, tão pouco, faziam uso adequado de sua principal ferramenta de trabalho, o Processo de Trabalho em Enfermagem.

Esta inquietação fez o pesquisador inscrever-se na disciplina optativa “Processo Histórico da Enfermagem e as Práticas Atuais” oferecida pelo Departamento de Orientação Profissional, da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo-EEUSP, com a expectativa de encontrar elementos que pudessem explicar este fenômeno. Foi no decorrer das aulas nesta disciplina que a inquietação iniciada nos estágios curriculares vislumbrou um horizonte através de uma palavra composta: identidade profissional.

Oportunamente, o pesquisador foi convidado a participar do grupo de pesquisa “História e Legislação de Enfermagem”, pertencente ao Departamento de Orientação Profissional/EEUSP e coordenado pelo Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas, onde começou a desenvolver trabalhos no campo da História da Enfermagem.

Foi bolsista PIBIC de Iniciação Científica, desenvolvendo duas pesquisas durante os períodos de 2015/2016 e de 2016/2017, sob orientação do Prof. Dr. Genival Fernandes de

Freitas, tendo como objeto de estudo a Academia Brasileira de História da Enfermagem (ABRADHENF). A primeira pesquisa teve como objetivos: compreender os movimentos e lutas para criação da referida entidade, comparando analiticamente os objetivos declarados em Estatuto Fundacional com a produção científica desenvolvida pela entidade nos primeiros quatro anos de atividade, 2010 a 2014.

Já a segunda iniciação científica voltou-se para o rito de posse da primeira acadêmica ocorrido na entidade, tendo em vista sua indicação para assumir a primeira cadeira como membro acadêmico. A atmosfera envolvendo a cerimônia de posse foi objeto de estudo desta pesquisa, na qual buscou-se compreender, sob a ótica da homenageada, qual a representatividade dos símbolos e signos utilizados no rito como elementos influentes na construção da identidade profissional.

Ambas as pesquisas foram apresentadas no Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade de São Paulo - SIICUSP, sendo a primeira pesquisa apresentada na edição do evento em 2016 e a segunda apresentada na edição de 2017. Da primeira pesquisa resultou um artigo publicado na Revista de Enfermería y Humanidades Cultura de Los Cuidados, Alicante, Espanha, 23 (54), 2019. A segunda pesquisa resultou em outro artigo a ser submetido à Revista Latino-americana de Enfermagem, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo.

Os resultados obtidos com estas pesquisas evidenciaram a necessidade de maior aprofundamento na temática da construção da identidade profissional da enfermagem.

1.2 A ACADEMIA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM

Foi durante o I Simpósio Ibero-Americano de História da Enfermagem, organizado pela Profa. Taka Oguisso na cidade de São Paulo em 2007, que ganhou força a ideia da criação de uma Academia cujo principal objetivo seria dar voz às questões envolvendo a História da Enfermagem. Esta já era uma ideia que vinha desde 1980 e por motivos diversos seus idealizadores não conseguiram concretizá-la naquela época. Algumas décadas depois e em meio a muitas lutas e conflitos, fundou-se a Academia Brasileira de História da Enfermagem-BRADHENF, em 2010, com sede na cidade de São Paulo, fruto da convergência de forças entre pesquisadores, enfermeiros, alunos de pós-graduação e de graduação e profissionais de outras áreas, todos ligados à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo-EEUSP, à

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO e à Universidade de Alicante, na Espanha.

Estes atores sociais já compunham, anteriormente à criação da Academia, um grupo de pesquisa em “História e Legislação de Enfermagem”, criado em 1997 e vinculado à EEUSP, à época, sob a liderança da Profa. Taka Oguisso, e em seu interior as discussões acerca da História da Enfermagem já eram uma tônica.

Em meio às discussões sobre a criação da entidade, a escolha da finalidade de sua criação, a saber: “promover avanços no desenvolvimento da História da Enfermagem, tornando-a relevante para compreender o passado, interpretar o presente e influenciar o futuro” (Estatuto, 2010, art. 2º), influenciou no nome atribuído à entidade, sendo o termo Academia intencionalmente escolhido, pois a ideia era criar um ambiente favorável à produção de conhecimentos e à discussão sobre questões envolvendo a História da Enfermagem.

Assim, procurou-se resgatar o significado de Escola de Platão (427 a.C. - 347 a.C.) fundador da Academia de Atenas, por volta do ano 388 a.C., primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Fonte de inspiração para outras academias como a Francesa e a Brasileira de Letras.

A ABRADHENF, tendo como escopo a finalidade acima descrita traçou objetivos a serem alcançados, como:

- a) Estimular o interesse e a mútua colaboração em História da Enfermagem;
- b) Promover a educação de enfermeiros e do público, em geral, com relação à história e ao legado da profissão de enfermagem;
- c) Apoiar pesquisas em História da Enfermagem para que alcancem nível de excelência nesse campo do saber;
- d) Incentivar a guarda, coleção, preservação e uso de documentos de importância histórica para a enfermagem;
- e) Divulgar estudos históricos sobre enfermagem através de mostras ou exposições de objetos e documentos e servir como fonte de informação sobre História da Enfermagem;
- f) Produzir e distribuir material educacional relacionado com a História de Enfermagem e o legado da profissão de enfermagem;
- g) Promover e/ou fortalecer a inclusão do conteúdo da História da Enfermagem no currículo dos cursos de graduação, pós-graduação e de nível médio de enfermagem;
- h) Fomentar a colaboração interdisciplinar em História com todas as ciências e saberes afins;
- i) Reconhecer profissionais que contribuíram com suas realizações para a História da Enfermagem como membros honorários, outorgando-lhes um título honorífico apropriado segundo critérios especificados em Regimento Interno;
- j) Organizar eventos, exposições e reuniões científicas para intercâmbio de estudos e informações entre seus membros e os de outras entidades similares de nível nacional ou internacional;
- k) Manter publicação periódica, impressa ou virtual, com informações e textos inéditos/originais de pesquisadores, membros individuais ou em grupo;

- l) Apoiar grupos de pesquisa de História da Enfermagem cadastrados, ou não, em órgãos de fomento à pesquisa científica.
- m) Integrar entidades internacionais de História da Enfermagem e áreas afins.

Em seu artigo 4º está previsto a possibilidade de filiação na forma de três categorias de membros, a saber: efetivos, honorários e acadêmicos. Sendo que, a categoria de membro efetivo é a porta de entrada para filiação à instituição. As demais categorias, honorário e acadêmico, poderão ser atribuídas àqueles membros efetivos que se destacarem dentro da instituição.

A ABRADHENF poderá conceder o título de membro honorário e outros títulos honoríficos a enfermeiros, ou não, que ofereceram contribuição relevante para a História da Enfermagem. Igualmente, os membros efetivos que se destacam em pesquisas e publicações na área de História da Enfermagem poderão ser indicados a compor o quadro da entidade como membro Acadêmico, de acordo com critérios de quantidade e qualidade da produção, estabelecidos no Regimento Interno.

Este regimento tem por finalidade esclarecer melhor os critérios de qualidade e quantidade de produção científica que habilitam o membro efetivo a ser indicado ao título de membro acadêmico, bem como quais etapas este membro efetivo deve submeter-se até a outorga do título, ou seja, tem início com a indicação por um membro da academia, depois avaliação do currículo e aprovação em assembleia geral e posteriormente, a cerimônia de posse como membro acadêmico.

A academia, atualmente, congrega aproximadamente 20 membros efetivos sendo 03 deles intitulados membro acadêmico, sendo a forma de associação livre a todos interessados pela área da História da Enfermagem, alunos de graduação, professores, pesquisadores e trabalhadores de todas as áreas do conhecimento que de alguma forma se identifiquem com a história da enfermagem

Nota-se que a ABRADHENF inspirou-se na Academia Brasileira de Letras (ABL) para a constituição de seu estatuto, compartilhando algumas semelhanças, por exemplo, ambas são academias culturais e científicas que buscam dar visibilidade a temas considerados importantes.

A ABL foi inaugurada em 20 de julho de 1897 com sede na cidade do Rio de Janeiro, tendo como objetivo o cultivo da língua e da literatura nacional. Nesse sentido, a Casa de Machado de Assis mantém publicações em sua Revista Brasileira, bem como se envolve em trabalhos como a preparação do dicionário da língua portuguesa, depois ocupando-se com a organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

É da ABL a iniciativa da criação da Comissão de Lexicografia, que mais recentemente ampliou-se para Comissão de Lexicografia e Lexicologia, entendendo por lexicografia a arte

de constituir um dicionário e por lexicologia a ciência que estuda e descreve o léxico de uma língua.

Seu quadro de associados é restrito a 40 membros efetivos e perpétuos dos quais 25, pelo menos, residem no Rio de Janeiro, e de 20 membros correspondentes estrangeiros, configuração semelhante ao da Academia Francesa que aliás serviu de modelo para a ABL cujo estatuto estabelece que para alguém candidatar-se é preciso ser brasileiro nato e ter publicado, em qualquer gênero da literatura, obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livros de valor literário.

Seus imortais são escolhidos mediante eleição por escrutínio secreto e somente quando um acadêmico falece a cadeira é declarada vaga em Sessão de Saudade. A partir de então os interessados dispõem de dois meses para se candidatarem através de carta enviada ao Presidente e a eleição transcorre sessenta dias após a declaração da vaga.

A posse é marcada de comum acordo entre o novo acadêmico e o escolhido para recepcioná-lo e, de praxe, o vistoso fardão é oferecido pelo Governo do Estado natal do acadêmico.

Percebe-se que ambas academias preocupam-se em oferecer contribuições para o desenvolvimento de suas áreas de atuação, a ABL busca contribuir para o engrandecimento da Literatura Nacional e Língua Portuguesa e a ABRADHENS busca ampliar os debates acerca da profissão “ser enfermeiro” através de história da enfermagem.

1.3 OS RITOS

A palavra rito deriva de “ritus” que significa ordem prescrita e sua etimologia remete ao sentido de ordem, seja do cosmos, relações deuses/homens ou homens/homens. Já no campo religioso, os termos cerimonial e ritual se entrelaçam sendo que o termo cerimônia originalmente remete-se a ritos cívicos e solenes, ou seja, de origem profana. (Segalen, 2002, apud Simieli et al, 2014).

Segundo os autores “o rito ou ritual refere-se a uma série de atos formais que possuem dimensão simbólica, com recorte espaço/tempo próprio, linguagens, signos e objetos próprios, cuja interpretação constitui um bem comum de um grupo” (Segalen, 2002, apud Simieli et al, 2014, p. 113), podendo também ser entendido como um rito institucional, quando consagra uma ordem estabelecida ao levar aqueles que são transformados nesse ato a se comportarem da

mesma forma como a representação do real se mostra (Bourdieu, 1998, apud Simieli et al, 2014).

1.4 PRESSUPOSTO E PROBLEMA DE PESQUISA

Oliveira (2004, p. 106) define problema como “um fato ou fenômeno que ainda não possui resposta ou explicações, uma questão ainda sem solução e objeto de discussão”. (Rudio, 2004, p. 87) acrescenta que “esta questão proposta deve ser discutida e resolvida pelas regras da lógica e de outros meios de que se dispõe”.

Assim, o problema de pesquisa surgiu a partir da necessidade de buscar entender como os ritos de pertencimentos são apreendidos pelos membros da academia e como influenciam o ethos profissional. Tal problema pode ser desdobrado em dois questionamentos, a saber:

- a) Como os signos e símbolos empregados nos ritos de pertencimento dialogam com a identidade profissional constituindo representações capazes de fortalecê-la dentro da entidade?
- b) De que modo os discursos dos membros da academia revelam os ritos de pertencimento da academia e sua importância, na perspectiva desses membros, para a formação identitária?

A presente pesquisa partiu do pressuposto, norteador de sua reflexão, que os ritos ocorridos na ABRADHENF, seus signos e símbolos remetem a representações presentes na identidade profissional da enfermagem e, de alguma forma, poderiam influenciar na formação identitária dos membros da academia.

2 OBJETIVOS

2 OBJETIVOS

Tendo como fator desencadeador desta pesquisa o aprofundamento nas questões que envolvem os ritos identitários na Academia Brasileira de História da Enfermagem, este estudo tem os seguintes objetivos:

- a) Descrever analiticamente os significados atribuídos, pelos membros da Academia Brasileira de História da Enfermagem, aos ritos de pertencimento e de formação identitária deste coletivo.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE ESTUDO

Siles (1999) afirma que os estudos qualitativos são da maior relevância aos profissionais de saúde por possibilitarem a compreensão das experiências humanas e um aprofundamento no conhecimento sobre esta natureza humana. O autor também afirma que os estudos qualitativos são de grande importância para a enfermagem considerando-se o fato de que as práticas do profissional de enfermagem são pautadas nas relações interpessoais, nas comunicações e nos cuidados.

Desta forma, a abordagem qualitativa foi a opção escolhida para esta pesquisa porque possibilitou a compreensão das vivências dos sujeitos acerca do objeto estudado, a saber, o processo ritualístico de pertencimento envolvendo os membros da ABRADHENF e sua relevância para a formação identitária desse coletivo. Esta abordagem permitiu aprofundamento e entendimento sobre como cada membro compreende a significância dos seus ritos institucionais como integrantes do processo de construção identitária.

3.2 METODOLOGIA

A metodologia escolhida foi a História Oral pois, tratando-se de depoimentos pessoais onde buscou-se compreender as percepções individuais de cada membro da entidade. Esta metodologia configurou-se no recurso apropriado para alcançar tal objetivo. Acredita-se que ela seria capaz de extrair dos membros da academia os relatos mais subjetivos de suas experiências como participantes dos ritos de pertencimento ocorridos na entidade e como estes ritos influenciam a formação identitária desse coletivo. Assim, a História Oral, segundo Luchesi e Lopes (2011) remete à história do tempo presente, cuja característica fundamental seria a presença de testemunhos vivos que têm, como vantagem, presenciado a ocorrência do fato.

Dentre os possíveis caminhos investigativos proporcionados pela História Oral, a História Oral Temática configurou-se na mais apropriada porque direcionaria o resgate da memória dos membros da academia para o tema em questão. Neste sentido, aspectos relacionados à História Oral de Vida desses membros somente foram computados quando mantiveram relação direta com a temática central da pesquisa. (Meihy, 2005)

Também foi possível, enquanto História Oral Temática, confrontar os depoimentos com fontes documentais relacionadas ao tema preestabelecido, enriquecendo, assim, os relatos.

3.3 MÉTODO

A entrevista mostrou-se o método mais apropriado para este tipo de estudo e, sendo parte integrante e indivisível da História Oral constituindo-se no principal caminho para extrair dos participantes desta pesquisa os relatos mais pessoais e suas vivências a respeito da temática abordada neste estudo.

Contudo, a entrevista não se constitui isoladamente sendo ela parte integrante de um projeto, segundo Luchesi e Lopes (2011). Desta forma foi necessário observar alguns aspectos para a realização das entrevistas, como o conhecimento prévio por parte do entrevistador sobre as fontes documentais existentes. Essas fontes documentais enriqueceram a entrevista no momento em que ocorreu, auxiliando no processo de retomada da memória do entrevistado.

Também constituiu-se relevante para a entrevista um estudo prévio sobre a biografia e bibliografia dos entrevistados.

3.3.1 Fontes de pesquisa

Foram utilizadas, como material de suporte à entrevista, algumas fontes documentais, a saber:

- I. Acervo do Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero Americana da EEUSP, incluindo imagens fotográficas e textos documentais;
- II. Regimento de Fundação da ABRADHENF;
- III. Termo de posse da Academia;
- IV. Termo de empossamento dos Acadêmicos da ABRADHENF;
- V. Atas das assembleias realizadas pela entidade,
- VI. Acervo da biblioteca da Escola Alfredo Pinto, da UNIRIO e
- VII. Correios eletrônicos.

Estas fontes contribuíram para que as entrevistas transcorressem com maior profundidade e permitiram o confronto de informações que enriqueceram os discursos dos entrevistados.

3.3.2 Suportes teóricos do uso da fotografia como fonte para a pesquisa

O uso do texto fotográfico vem constituindo-se em um instrumento importante dentro dos estudos científicos históricos por proporcionar um ponto de vista bastante privilegiado, revelando dimensões inexploradas das representações sociais através de seus símbolos e através do congelamento de uma imagem numa determinada época. (Bourdieu, 1965, apud Santos, 1998)

Porto e Santos (2011, p. 378) dizem que “a utilização de imagens nas pesquisas históricas, em face do seu potencial de comunicação e simbolização, propicia o alcance de achados, os quais não seriam tão claros apenas com a utilização de documentos escritos ou orais.”

Desta forma, a fotografia adquire a capacidade única de capturar e congelar a imagem de um determinado evento em um determinado tempo e manter suas características e detalhes intactos, propiciando a obtenção de informações que poderiam passar despercebidas no processo de reativação da memória do entrevistado e revelar detalhes que um documento escrito ou oral não daria conta.

3.3.3 Delimitação temporal e espacial

O recorte temporal necessário para que seja alcançado o objetivo deste estudo compreende o período de criação da entidade, em 2010, até o ano de posse do último membro acadêmico. A pesquisa pretendeu obter dos membros da academia suas percepções em relação aos ritos de pertencimento ocorridos na entidade da qual fazem parte, ocorridos nesse período.

A escolha desse período é justificada pela ocorrência de alguns importantes eventos nos quais acreditou-se conseguir relatos importantes sobre o tema da pesquisa. São eles: em 2010, ano de fundação da Academia; em 2013, ano no qual ocorreu o primeiro rito de posse de um membro acadêmico; em 2017, ano em que foi outorgado o segundo título de membro acadêmico e em 2018, ano no qual ocorreu a titulação do terceiro membro acadêmico.

Os espaços onde ocorreram os ritos também se configuram como elementos importantes neste estudo, são eles: o auditório Profa. Vera Heloisa Pileggi Vinha, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, local onde ocorreu a cerimônia de empossamento do primeiro acadêmico; o segundo acadêmico foi empossado no auditório da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e o espaço

onde ocorreu a cerimônia de posse do terceiro membro acadêmico foi o auditório Maria Rosa Souza Pinheiro, da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

3.3.4 Critérios de inclusão dos participantes

Os critérios de inclusão dos participantes basearam-se na escolha daqueles membros mais atuantes na entidade, os chamados “indivíduos-chave” e conforme explicam Luchesi e Lopes (2011) são aqueles que terão inicialmente a informações mais raras e, em vista disso, é extremamente relevante conhecer a trajetória de cada indivíduo pertencente à academia e suas redes de relações.

Dentro desta lógica os critérios de inclusão abrangeram os **membros fundadores** da Academia ainda associados a ela e os **membros empossados** nas cadeiras da academia e tidos como mais alta autoridade em História da Enfermagem. Assim, foram convidados a participar desta pesquisa dez membros fundadores da academia conforme ata de criação da entidade.

Após a seleção dos participantes optou-se por realizar o primeiro contato via e-mail, pois possibilitaria uma melhor apresentação da pesquisa e sua relevância para os estudos em história da enfermagem, também possibilitaria uma explicitação mais adequada da importância da participação na pesquisa, bem como uma melhor apresentação do entrevistador e esclarecimento quanto ao caráter confidencial da entrevista respeitando local, horário e dia pré-estabelecido pelo entrevistado. E, não ocorrendo o retorno uma segunda tentativa seria feito via telefone. Dos membros convidados seis aceitaram prontamente participar deste estudo, e os demais não puderam participar por motivos diversos.

Optou-se por enviar, antecipadamente, as questões norteadoras aos membros que concordaram em participar da entrevista para que eles pudessem familiarizar-se com o tema e realizar um resgate prévio de suas memórias, organizando-as e, assim, oferecerem relatos mais detalhados no momento da entrevista.

No caso dos membros da academia residentes fora do município de São Paulo foi realizada a entrevista na modalidade videoconferência. Assim, reduziu-se os custos para o pesquisador tendo em vista que esta pesquisa não recebeu financiamento.

3.3.5 Aspectos éticos

Por tratar-se de pesquisa envolvendo seres humanos nenhuma entrevista foi realizada antes da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por aqueles que

confirmaram a participação. Igualmente, somente após a obtenção do parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa, registrado sob o número 2.968.721, de 18 de outubro de 2018, deu-se sequência às etapas seguintes da pesquisa.

3.3.6 Instrumentos de coleta de dados

A entrevista foi gravada em áudio com dia, horário e local definido pelos entrevistados de acordo com suas disponibilidades, observando sempre o cronograma da pesquisa. Além disso, a entrevista foi individual e confidencial garantindo a privacidade dos participantes, sendo que as entrevistas duraram, em média, trinta minutos.

A realização da entrevista pautou-se em duas questões norteadoras, a saber:

- I. Quais os significados atribuídos à sua escolha para integrar a Academia Brasileira de História da Enfermagem?
- II. Fale sobre os ritos de pertencimento a partir de sua vivência como membro da academia?

A partir destas questões norteadoras foi possível explorar, através das narrativas, todos os eventos marcantes para os entrevistados possibilitando extrair deles suas percepções acerca de seus ritos identitários.

3.3.7 Análise dos dados

Após a coleta dos dados as fases seguintes foram as transcrições das entrevistas e suas transcrições compondo o corpo documental a ser analisado. Sobre as transcrições foram obtidas as ratificações dos entrevistados antes de dar continuidade às etapas seguintes.

A análise das entrevistas seguiu a proposta de Bardin (2009) que define análise de conteúdo como um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis e em constante aperfeiçoamento e aplicados a discursos extremamente diversificados. Então, a organização dos dados deu-se em três momentos, da seguinte maneira: 1 - Pré-análise; 2- Exploração do material; 3- O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Portanto, seguindo estas etapas, realizou-se uma leitura “flutuante” dos textos a fim de captar as primeiras impressões e familiarizar-se ao conteúdo ali expresso. Seguidamente foram realizadas releituras sucessivas para marcar e destacar a importância do conjunto de elementos dentro do montante de documentos para análise, constituindo o “corpus”, definido por Bardin

(2009) como conjunto dos documentos relevantes a serem submetidos aos procedimentos analíticos.

A etapa seguinte foi a codificação na qual os dados foram transformados sistematicamente e agregados em unidades permitindo uma descrição exata das características pertinentes ao conteúdo. Por fim, a categorização, operação de classificação dos elementos constitutivos do conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento. As categorias apreendidas dos discursos dos entrevistados serviram de subsídio para as discussões a que este estudo se propõe amparadas pelo referencial teórico escolhido.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Faz-se mister uma breve contextualização sobre o pensador francês Claude Dubar e sua contribuição científica à compreensão da identidade como um processo social, cultural e histórico, o qual se dá, inclusive, no âmbito da identidade profissional. Assim, no presente estudo, o pesquisador procurou aproximar alguns conceitos, a seguir apresentados, da obra de Claude Dubar para aproximá-los da reflexão acerca das percepções atribuídas pelos membros da ABRADHENS aos ritos identitários.

Claude Dubar teve como cerne de seus trabalhos a formação das identidades, foi escolhido como referencial teórico devido à sua grande contribuição nessa área do conhecimento. Estudioso das identidades sociais e deste amplo conjunto teórico abordado em seus trabalhos interessa a este estudo a questão do processo de construção das identidades profissionais. Então, configura-se importante esclarecer que todas as menções no decorrer do texto referentes a identidade devem ser entendidas como alusão à identidade profissional.

Segundo Dubar (2005), a identidade não é dada como um todo, ao nascimento, pois resulta de uma construção iniciada no nascimento passando por reconstruções no decorrer da vida. Seu entendimento é de que a identidade nunca é construída sozinha, é fruto de sucessivas socializações.

A assertiva acima inicia a uma primeira reflexão de Dubar sobre identidade, a percepção de que a identidade não é dada como um todo ao nascimento é resultado de uma construção que tem início ao nascimento. Obviamente ele refere-se à identidade pessoal e todas as características singulares que lhe são atribuídas, como nome, registro de nascimento, registro geral, etc. Características que tornam o indivíduo único.

Esse conceito serviu de premissa para uma discussão sobre a formação da identidade profissional da enfermagem pois, assim como a construção da identidade iniciada ao nascimento, a construção da identidade da enfermagem inicia-se em um determinado momento passando por marcadores diversos que tornarão este profissional único e singular durante este processo.

Uma segunda reflexão que pode ser extraída da definição de identidade dada pelo filósofo trata-se do caráter dinâmico que a formação da identidade adquire nesse processo, a capacidade de se reconstruir a todo momento. Essa afirmação serviu, também, de premissa para a promoção de um debate sobre a construção da identidade profissional da enfermagem, buscando elementos que corroboram com esta assertiva.

E, por último, Dubar afirma que a identidade nunca é constituída sozinha. Para ele a identidade é, acima de tudo, uma construção social onde o indivíduo, nesse processo de construção identitária, sofre influência do meio social, ou melhor, dos vários meios sociais em que vive.

Encontra-se nesta afirmação subsídio para iniciar uma discussão acerca dos processos de construção identitária da enfermagem buscando compreender como ocorre esta construção baseada na socialização, bem como o levantamento de elementos, através dos discursos, que confirmem esta influência exercida pelo meio social sobre a construção identitária da enfermagem.

Concomitantemente, este estudo buscará apoio nas temáticas envolvendo as questões dos ritos, símbolos, signos e representações e suas influências no processo de construção identitária profissional da enfermagem. Torna-se pertinente, então, discutir a questão da formação da identidade profissional segundo Claude Dubar em conjunto com os signos e símbolos presentes nos ritos da enfermagem e, em qual medida essa interação pode contribuir para a construção identitária deste profissional e influenciar suas práticas.

Assim, interessa a este estudo discorrer somente sobre uma das identidades sociais construídas pelo indivíduo ao longo de sua existência, e reitero aqui o foco nas identidades profissionais, definida por Dubar (2006, p. 85) como “maneiras socialmente reconhecidas para os indivíduos se identificarem uns aos outros, no campo do trabalho e do emprego”.

Evidentemente este recorte é necessário e importante para que seja possível um aprofundamento no tema, sendo importante também ressaltar que essas identidades, das quais a identidade profissional é uma delas, não são construídas isoladamente. É da interação entre todas as identidades - pessoal, social, política e profissional, que se constrói a identidade do indivíduo. Discutir todas neste estudo seria uma tarefa um tanto quanto complexa e incompatível com o prazo estabelecido para esta pesquisa.

No próximo capítulo, apresentam-se as categorias extraídas dos discursos dos participantes nesse estudo acerca das percepções dos membros da Academia Brasileira de História da Enfermagem no tocante aos ritos identitários dessa entidade, seus significados, abrangências e impactos na vida acadêmica, associativa e profissional.

Percorrendo o percurso teórico-metodológico proposto, após a coleta das entrevistas, transcrição e transcrição foram identificadas as seguintes categorias e subcategorias temáticas:

1. Categoria - **Identidade Profissional e Imagem Social da enfermagem na percepção da academia.**
2. Categoria - **Processos de construção identitária na ABRADHENF.**
Desta, foram construídas duas subcategorias:
 - a) **Conflitos e desafios no percurso da formação identitária da academia.**
 - b) **Construção de experiências de reconhecimento e pertencimento no contexto da academia.**
3. Categoria - **Valorização dos Ritos e Símbolos no processo de (re)construção identitária da academia.**

5 RESULTADOS

5 RESULTADOS

A categoria **Identidade Profissional e Imagem Social da enfermagem na percepção da academia** foi identificada a partir dos discursos dos entrevistados que referem haver uma dualidade no que tange à enfermagem, referem-se à identidade profissional do enfermeiro como elemento importante e indispensável para sua atuação no cuidado em saúde e à sua imagem social como elemento igualmente importante por exprimir um juízo, a partir do olhar externo, dessa identidade profissional. É possível inferir através dos excertos abaixo a importância não somente de se construir uma identidade profissional, mas também construir uma imagem social complementar a essa identidade:

Chegando aqui na USP fazendo o doutorado e estudando muito sobre a origem da enfermagem e da sua profissionalização eu vi o quanto ela é importante e que ela precisava disso para se firmar, não só cientificamente através dos estudos, mas a sua imagem, que a gente precisava manter essa imagem até por conta da estratificação que tem na categoria de enfermagem, temos o auxiliar, o técnico, o enfermeiro, então se você não tem nenhuma identificação, nada que o diferencie todos são chamados de enfermeiros no hospital, todos, aliás qualquer um menos o médico, é chamado de enfermeiro. (Entrevistado 1)

[...] a gente precisaria valorizar mais este conteúdo da história no sentido de formar cidadãos conscientes do trabalho na sociedade como profissionais, mas sobretudo com essa visão da sua própria identidade, da sua história que não é dada e não está pronta e nem acabada, mas que se constrói a cada instante, a cada momento. (Entrevistado 2)

Constituir a academia para nós é algo que a gente valoriza e se esforça para que ela continue viva e as conexões que a gente fez com exterior, com uma academia, uma Federação Ibero Americana, ou seja, já reunindo academias semelhantes de países ibero americanos, eventos internacionais e quando você se apresenta além de um pesquisador, de um professor, também como acadêmico, isso tem um impacto positivo nas pessoas que estão ligadas a esse tipo de conhecimento e de cultura institucional como são as academias. (Entrevistado 4)

Não tivéssemos essa ajuda/apoio das americanas o processo de formação de enfermeiras brasileiras seria completamente outro. Veja exemplo da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, que foi fundado em 1890, mas o curso de enfermagem era totalmente ministrado apenas por médicos, até a enfermeira Maria Pamphiro, formada pela EE Anna Nery, assumir a direção em dezembro de 1942. Portanto, a questão identitária da Enfermagem brasileira continua ainda em construção. (Entrevistado 5)

Eu acho que a contribuição da academia com a questão da identidade são os próprios estudos realizados e também a própria questão da história porque muito da identidade profissional que a gente tem hoje é reflexo de toda uma construção histórico-social da questão do cuidado que vem desde os primórdios da civilização. Então contribuir para essa identidade para inclusive eu acho que hoje nós temos uma identidade construída mas que socialmente ela está muito mais defasada que a sociedade não entende muito ainda a importância do papel do enfermeiro então eu acho que os estudos de história eles são importantes porque eles trazem essa visibilidade não só para a profissão mas ele mostra para a sociedade as lutas, as dificuldades que essa profissão teve para se estabelecer e conseguir ser a profissão embasada em ciência que ela é hoje. (Entrevistado 6)

A categoria **Processos de construção identitária na ABRADHENSF** mostra a trajetória histórica da academia e mesmo que considerada uma história recente apresenta uma série de questões, segundo seus membros, envolvendo sua criação. Percebe-se nos discursos dos entrevistados todas as dificuldades surgidas no decorrer de processo de criação da ABRADHENSF. Esta categoria precisou ser subdividida para melhor abordar seu conteúdo.

Subcategoria 1 - Conflitos e desafios no percurso da formação identitária da academia

Os excertos destacados ilustram as dificuldades sentidas pelos membros da academia ao articular sua criação no que tange à necessidade de obter apoio das outras instituições vinculadas à profissão, as falas demonstram a descrença dessas instituições quanto à academia e as possíveis colaborações que ela poderá acrescentar à enfermagem:

Então, o objetivo da academia é justamente esse, por isso que abriu também um pouco mais, para já de estudante ir vendo esse outro lado, que é bastante esquecido, deixado de lado, desvalorizado e em toda mudança de currículo é um inferno, todo mundo quer chutar a história da enfermagem lá para o lado. (Entrevistado 1)

[...] a Academia Brasileira de História da Enfermagem ela venceu muitos desafios iniciais e continua enfrentando outros desafios na atualidade para poder se constituir como uma entidade com identidade própria, com uma contribuição a ser manifestada, trazida ao coletivo da enfermagem. Eu acho que não é só no campo da formação, mas nas políticas públicas, eu acho que na educação. São campos grandes, dimensões grandes que a História da Enfermagem pode trazer inclusive aspectos legais da nossa profissão, também tem aspectos históricos entrelaçados. (Entrevistado 2)

Lamento estar longe e não ter o respaldo da minha Universidade para poder dar uma colaboração mais efetiva a ABRADHENF. (Entrevistado 3)

Minha vivência na Academia tem sentido de pertencer, colaborar como uma necessidade de participar positivamente em mais uma luta com as forças políticas em combate às forças negativas existentes na classe. (Entrevistado 3)

Quando a gente quis fazer isto com a História da Enfermagem, de certa maneira a gente estava pensando em ajudar a tirá-la de uma condição em que ela ficou há muito tempo, aquela coisa que fazem os professores mais velhinhos que tão próximo de aposentar então vão estudar a história da enfermagem que já é a sua despedida da carreira. (Entrevistado 4)

Como criar uma academia brasileira de enfermagem, nos moldes da americana (American Academy of Nursing) sem o consenso, interesse e apoio dos líderes da profissão na época, isto é, os existentes no Cofen e Corens, na ABEn com as Seções Estaduais, na Federação de Enfermeiros e respectivos sindicatos existentes? Consultar a todos demandaria uma enormidade de tempo e, certamente, seria muito difícil chegar a um consenso. (Entrevistado 5)

A nossa área ainda não tem a valorização de outras áreas principalmente das clínicas. FAPESP, CAPES, CNPq muitas vezes direcionam mais

financiamento. Às vezes nós temos dificuldade inclusive para o entendimento de pares às vezes, da importância do trabalho que a gente faz, então assim eu acho que não só estar dentro de uma sociedade, a academia em si ela é um espaço de luta, de luta simbólica, de luta pela valorização da profissão, então eu acho que o significado para mim de estar dentro da academia é um significado de luta pela enfermagem, não só pela história da enfermagem, eu acho que a partir do momento que a gente pesquisa a história, a gente defende a história, a gente está defendendo a nossa profissão, a gente está contribuindo para a valorização dela. (Entrevistado 6)

Subcategoria 2 - Construção de experiências de reconhecimento e pertencimento no contexto da academia

Esta subcategoria revela um segundo momento dentro do processo de construção da identidade da academia, a ações visando construir seu espaço dentro da sociedade, os movimentos de busca por visibilidade e reconhecimento junto às demais instituições:

[...] a gente tem que modernizar e estimular, até porque o campo é restrito de história da enfermagem, não é qualquer um que gosta, que valoriza, que saiba para que serve, que se interesse pela área, importante é isso. E o bom que a gente com os grupos de pesquisa os alunos começaram a se interessar, que antigamente não tinha isso não. [...]. Agora que a gente criou esses grupos de história isso deu uma outra visão para a história da enfermagem porque também os historiadores passaram a usar outros elementos, outras metodologias que não só aquela repetição de data. (Entrevistado 1)

Então a minha escolha e acho que o significado dela tem a ver por uma questão até mesmo de interesse com a identidade da Academia Brasileira de História da Enfermagem, identidade esta que é focada sobretudo, no desvelar, no questionar, no analisar os aspectos identitários da nossa profissão e que tem raízes históricas. (Entrevistado 2)

Quando Taka voltou do CIE¹ (Suíça) e me falou da academia, me senti parte do projeto e informei a ela que havia feito o registro da primeira tentativa

anos 87/88, liderada por D. Maria Rosa de Sousa Pinheiro², onde aconteciam as reuniões, e sua residência na Av. Higienópolis. Acredito que foi para mim uma realização de um sonho interrompido. (Entrevistado 3)

A gente queria algo que não fosse uma associação, não fosse outras entidades que já existem na enfermagem, mas uma academia científica ligada ao tema da história da enfermagem, não uma academia de enfermagem como um todo. (Entrevistado 4)

Portanto, a ideia de criar uma academia, partiu da cabeça de uma docente da EEUSP, em 1980, e sua concretização décadas depois da Academia Brasileira de História da Enfermagem foi decorrência da necessidade sentida de se ter uma entidade específica para aprofundar estudos e pesquisas e “promover a educação de enfermeiros e do público, em geral, com relação à história e ao legado da profissão da enfermagem” como referem seus objetivos estatutários (art. 2º). Sem dúvida, sem conhecer bem o passado, é difícil compreender o presente e planejar um futuro melhor para a própria profissão. (Entrevistado 5)

Então quer dizer o nosso Conselho Federal de Enfermagem reconhece as atividades da ABRADHENF como sendo importantes para a enfermagem enquanto sociedade, enquanto grupo, enquanto profissão. Então eu acho que esses reconhecimentos mostram o quanto esse trabalho talvez não tão visível ainda, mas que através das parcerias a gente tá conseguindo sim, como o Bourdieu fala muito, “se fazer ver e se fazer crer. (Entrevistado 6)

A categoria **Valorização dos Ritos e Símbolos no processo de (re)construção identitária da academia** revela a relação de afinidade entre os ritos e a academia. Por ser uma entidade com profundas raízes no passado a tradição é um elemento muito importante e seus membros fazem questão de mantê-la. Os ritos cumprem muito bem essa função aos olhos dos membros da academia:

Então eu sempre achei e valorizei muito esses nossos emblemas, essas nossas insígnias que identificam a profissão, então eu acho, e esses rituais, esses ritos, eu sinto muito que te dá aquela sensação de pertencimento. Após você passar por um rito, isso eu sinto muito nos alunos lá na escola quando a gente coloca aquela insígnia no peito deles, e a gente fala nos discursos também.

Nossa! Dá a ele aquela sensação de pertencimento. Então eu acho que na academia, quando nós criamos esse rito da cerimônia, da entrega, da outorga da medalha ao acadêmico, você mostra para a sociedade a qual ele pertence e concretiza toda aquela trajetória dele. (Entrevistado 1)

Eu acho que esses rituais eles aparecem entre diversas formas, mas o importante é ter a clareza de quais são os rituais, quais são os símbolos que representam esta entidade sejam eles por imagem, sejam eles por palavras, são todos signos importantes e que demarcam a identidade daquele território, seja da pesquisa, seja da história, seja...enfim, e que congregam, que motivam a congregação, a reunião daquelas pessoas, elas têm esse foco e essa direção. (Entrevistado 2)

E a gente acreditou, segue acreditando inclusive, que a enfermagem merece esse tipo de ritualística, de colocação no mundo científico porque o mundo científico ele também tem os seus luxos, não é? Como as cerimônias de posse de reitor, de professor titular, enfim, tem uma ritualística própria do mundo acadêmico e das academias ligadas ou não às universidades e que a gente também quis desfrutar e criar para a enfermagem através da Academia Brasileira de História da Enfermagem. (Entrevistado 4)

E o crescimento da academia, uma das suas possibilidades de visibilidade se dá através dos ritos, eles não são originais nossos. Nós nos espelhamos em alguns outros e estamos dando um tipo de particularidade. (Entrevistado 4)

Assim, poderiam ser considerados como ritos de pertencimento a continuidade com estudos e pesquisas sobre História da Enfermagem, a participação ativa no Grupo de Pesquisa e as publicações de artigos em revistas indexadas e de livros sobre a temática, [...]. (Entrevistado 5)

E aí para a cerimônia eu quis que tivesse todo um diferencial para que as pessoas que não fossem da academia, ou mesmo aqui da casa sentissem essa questão do ritual, da importância desse ritual, mas que fosse algo marcante. Então nós tivemos a ideia das becas, do uso do traje talar oficial para essa atividade. Eu quis que houvesse uma cadeira especial para a acadêmica que são essas cadeiras que os formandos tiram foto, que tem toda talhada, toda desenhada para a gente ter uma questão das instituições antigas mesmo e

remetendo a essas instituições centenárias e os seus rituais também.
(Entrevistado 6)

Dos discursos dos entrevistados foi possível extrair as categorias acima descritas, constituindo um conjunto de informações importantes para a discussão seguinte com base no referencial teórico do processo de construção da identidade profissional, por Claude Dubar.

6 DISCUSSÃO

6 DISCUSSÃO

A categoria **Identidade profissional e imagem social da enfermagem na percepção da academia** foi extraída dos discursos dos entrevistados nos quais ficaram evidentes a presença desta dualidade envolvendo a enfermagem. De um lado o profissional enfermeiro cuja identidade está em constante construção em uma relação direta com o coletivo, o meio social do qual faz parte e as instituições. Do outro lado está este mesmo profissional em constante interação com esse mesmo coletivo, com esse mesmo meio social e com essas mesmas instituições construindo relações que resultam na formação de sua imagem social perante esses atores sociais.

Dubar (2005) afirma que a construção da identidade não é algo estanque, acabado, é fruto de sucessivas interações através das quais são construídas as identidades. Segundo este sociólogo há uma dualidade permanente na construção de uma identidade: a identidade para si, resultante da reflexão interna na qual o indivíduo se questiona sobre que tipo de pessoa quer ser e a identidade para o outro, também resultante da reflexão na qual indivíduo questiona-se sobre que tipo pessoa é, ou seja, como o outro me vê.

Para que o texto flua sem mal-entendidos quanto ao uso destas nomenclaturas optou-se por usar as expressões Identidade Profissional como sinônimo de identidade para si e Imagem Social como sinônimo de identidade para o outro.

Esta dualidade está fortemente marcada nos discursos dos colaboradores:

“...se você não tem nenhuma identificação, nada que o diferencie, todos são chamados de enfermeiros no hospital...” (Entrevistado 1).

Também encontrada no próximo excerto:

“...hoje nós temos uma identidade construída, mas que socialmente ela está muito mais defasada que a sociedade não entende muito ainda a importância do papel do enfermeiro...” (Entrevistado 6).

Dubar (2005) ao afirmar a existência desta dualidade constante em todo o processo de construção das identidades - identidade para si e identidade para o outro - ainda afirma que “são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira problemática” (Dubar, 2005, p. 135). Segundo o autor, inseparáveis uma vez que a identidade para si é correlata ao Outro, isto é,

nunca sei quem sou a não ser pelo olhar do outro. Neste momento pode ocorrer a instauração de um conflito pois nem sempre o que penso de mim coincide com o que outro pensa a meu respeito, ou melhor, a identidade profissional que construo pode não corresponder com a imagem social construída pelo outro. Ainda, segundo o autor, é problemática dado que a experiência do Outro não pode ser vivida pelo eu e todas as comunicações são marcadas pela incerteza: “Eu nunca posso ter certeza de que minha identidade para mim mesmo coincide com minha identidade para o Outro” (Dubar, 2005, p. 135).

Este é um conflito crucial para a construção da identidade para si, uma vez que ela é construída em coletividade, nunca sozinha, sendo um processo contínuo e inacabado conforme dito anteriormente por Dubar (2005) e, novamente, nos valem dos discursos dos entrevistados para ratificar esta afirmação do autor:

“Não tivéssemos essa ajuda/apoio das americanas o processo de formação de enfermeiras brasileiras seria completamente outro” (Entrevistado 5).

Dito isso, fica evidente que a construção da identidade para si é uma construção social e o olhar do outro sobre a minha identidade é de extrema importância para que ela se construa. Entretanto, percebe-se, através dos discursos dos entrevistados, que a dualidade identidade profissional e imagem social encontram-se em dissonância, despertando nos membros da academia a necessidade de aproximá-las.

Nesta categoria fica evidente a preocupação, dos entrevistados, com os caminhos que a profissão tem percorrido ao longo de sua trajetória histórico, pois há uma lacuna entre a identidade para si construída sobre bases científicas que a transformaram em uma ciência, e identidade para o outro, que na visão dos entrevistados não acompanharam este percurso evolutivo da profissão resultando numa incompreensão do que é a profissão na atualidade.

Aprofundando ainda mais neste conflito interno à identidade baseada na inseparabilidade, na problematização e na incerteza, temos um contexto no qual identidade profissional e imagem social apresentam-se totalmente díspares. Dubar (2005) faz menção a esse fenômeno onde a identidade para mim não condiz com a identidade que o outro constrói sobre mim podendo estas identificações recebidas dos outros e das instituições serem endossadas ou recusadas pelo indivíduo. Desta forma, a imagem social construída sob o olhar do outro tem importante influência sobre a construção da identidade profissional pra mim, pois é através da identificação que nos é conferida que construímos a nossa própria identidade.

Este conflito está muito evidente nos discursos dos entrevistados:

“...os estudos de história eles são importantes porque eles trazem essa visibilidade não só para a profissão, mas ele mostra para a sociedade as lutas, as dificuldades que essa profissão teve para se estabelecer e conseguir ser a profissão embasada em ciência que ela é hoje” (Entrevistado 6).

Em outro excerto:

“...a gente precisaria valorizar mais este conteúdo da história no sentido de formar cidadãos conscientes do trabalho na sociedade como profissionais...” (Entrevistado 2).

Os excertos mostram que há, de fato, uma preocupação dos entrevistados quanto a essa dualidade existente na construção da identidade profissional do enfermeiro, e os desdobramentos que essa dualidade traz à profissão. Quando identidade profissional e imagem social convergem há um equilíbrio instalado e a identidade para si encontra o reconhecimento necessário dentro daquele meio social ao qual pertence. Contudo, quando essa convergência não ocorre e esses dois processos não são necessariamente coincidentes, Dubar (2005) nos diz que há um desacordo que serve de gatilho para transformações necessárias, chamadas pelo autor de transações cujo objetivo visa “reduzir a distância entre as duas identidades” (Dubar, 2005, p.140).

O autor abre caminho para duas possibilidades envolvendo estas transações: uma delas faz com que o indivíduo acolha a imagem social que lhe é atribuída, moldando-se a ela, ou seja, há uma acomodação na qual a identidade para si aproxima-se da identificação a partir do olhar externo, chamada pelo autor de transações externas. A segunda possibilidade segue o caminho denominado pelo autor de transação interna, aquela onde o indivíduo procura um equilíbrio entre salvaguardar uma parte das suas identificações anteriores e a vontade de construir novas identidades para o futuro, com vistas a tentar incorporar a identidade social à sua identidade para si. Afinal, segundo o autor, “cada um é identificado por outrem, mas pode recusar essa identificação e se definir de outra forma.” (Dubar, 2005, p. 137)

Certamente esta foi a postura dos membros da academia, recusar a identificação atribuída e organizar-se para iniciar um longo processo de transação interna tendo a Academia Brasileira de História de Enfermagem como importante produto originado da união destes atores sociais, desconfortados, de certa forma, com o hiato existente entre a identidade profissional construída por cada um deles e a imagem social difundida perante a coletividade.

Aproximar mais estes dois polos passou a ser o desejo destes atores sociais e o caminho possível seria através do desvelo da trajetória histórica dessa profissão:

“Eu acho que a contribuição da academia com a questão da identidade são os próprios estudos realizados e também a própria questão da história porque muito da identidade profissional que a gente tem hoje é reflexo de toda uma construção histórico-social...” (Entrevistado 6)

É consenso entre os entrevistados os feitos realizados pela enfermagem que a tirou do status de um simples cuidado para

“ser a profissão embasada em ciência que ela é hoje” (Entrevistado 6).

Aos olhos dos membros da academia a História tem um importante protagonismo dentro desse processo de construção da identidade profissional sendo impossível dissociá-las e renegar à história da enfermagem sua relevância, entretanto falta esse reconhecimento por parte do outro, consubstanciado nas instituições representativas da categoria profissional.

Negar à História de Enfermagem sua contribuição neste processo contínuo de construção identitária da enfermagem é sonegar a cada indivíduo o entendimento da complexidade envolvendo a construção de sua identidade profissional como um todo, é impedir que este ator social refaça os caminhos percorridos pela profissão de forma crítico-reflexiva, é não instrumentar este profissional para a recusa da identidade atribuída pelo outro quando esta não assemelha-se à identidade construída para si e, por fim, é contribuir para que não haja transações internas conforme.

A categoria seguinte expõe claramente esse processo de recusa à identificação atribuída à história da enfermagem, trata-se dos **Processos de construção da identitária da academia**, e nos traz importantes elementos que ajudam a entender o processo de construção da identidade institucional. Muitos foram os elementos encontrados nos discursos que houve a necessidade de subdividir esta categoria para melhor entendimento deste processo identitário.

A primeira subcategoria diz respeito aos **Conflitos e desafios no percurso da formação identitária da academia**. Nos relatos percebe-se que este não foi um processo tranquilo pois a criação de uma instituição com o propósito de dar visibilidade a uma área da enfermagem que, segundo os entrevistados, sofria um processo de esquecimento dentro do cenário da Enfermagem, sendo posta à margem do processo construtivo da identidade da enfermagem e desvalorizada nas mudanças de currículo:

*“todo mundo quer chutar a história da enfermagem para o lado”
(Entrevistado 1).*

Tão contundente foi o processo de construção da identidade da enfermagem, e ainda em construção, que elevou-a ao status de ciência e equiparou-se a outras ciências, porém sua gênese foi esquecida. Seu legado estava sendo esquecido frente às transformações sofridas pela profissão.

Importante esclarecer que em nenhum momento pretende-se desvalorizar ou desmerecer tais mudanças pois elas foram e são importantes para o processo de construção da identidade profissional da enfermagem. Contudo, seria impossível compreender a enfermagem hoje sem compreender sua trajetória histórica, sem refazer os percursos trilhados e trazê-los à luz e analisá-los sob uma perspectiva crítica.

A sensibilidade desses atores sociais envolvidos com a criação da academia foi crucial e determinante para a procura por mudanças neste cenário envolvendo a história da enfermagem. Novamente, recorre-se a Dubar (2005) para entender esta dinâmica, e nele encontramos explicação para tal fenômeno envolvendo a dualidade entre Identidade para si e identidade para o outro. O autor explica que ambas necessariamente não trilham caminhos paralelos podendo ocorrer dissonâncias, chamadas de desacordos, onde um “indivíduo é identificado e levado a endossar ou a recusar as identificações que recebe dos outros e das instituições” (Dubar, 2005, p. 138).

A recusa em aceitar a condição de elemento não importante dentro da trajetória profissional da enfermagem fez com que esse grupo de atores sociais unissem forças para fundar uma instituição capaz de lutar pelo protagonismo que a história da enfermagem tem por direito nesse cenário de construção da identidade profissional da enfermagem. Segundo o autor, essa recusa tem o potencial para desencadear estratégias identitárias destinadas a reduzir a distância entre estas duas identidades:

“quando a gente quis fazer isto com a História da Enfermagem, de certa maneira a gente estava pensando em ajudar a tirá-la de uma condição em que ela ficou a muito tempo...” (Entrevistado 4).

A academia surgiu dentro deste contexto de negação, ou melhor, de indignação com a identidade social conferida pelas instituições à História da Enfermagem:

“a nossa área ainda não tem a valorização de outras áreas principalmente das clínicas” (Entrevistado 6).

Portanto, temos o que Dubar chama de encontro de dois processos heterogêneos, um deles configura-se na Academia Brasileira de História da Enfermagem cuja preocupação está em dar visibilidade à história da enfermagem, (re)construir e resignificar sua identidade para si; o outro processo refere-se à identidade para o outro, fruto de uma construção social, que também é histórica, conferida pelas instituições à história da enfermagem.

Desta forma, reforça-se que o processo de construção da identidade para si sofre significativa influência do meio social no qual está imerso. As identidades produzidas para um mesmo elemento, refiro-me à história da enfermagem, quando divergentes suscitam a necessidade de buscar harmonia para o conflito social instaurado. Tal processo ratifica a afirmação de Dubar de que a identidade nunca é construída sozinha, pois é a partir do olhar do outro que construímos a identidade para si.

Contudo, não se deve incidir no equívoco de conferir aos agentes externos a incumbência exclusiva da atribuição de identidade. Segundo Dubar (2005, p. 143) “o que está em jogo é exatamente a articulação desses dois processos complexos, mas autônomos: a identidade de uma pessoa não é feita à sua revelia, no entanto não podemos prescindir dos outros para forjar nossa própria identidade.”

A autor nos explica que a construção da identidade para si nunca deverá ser concretizada sem a devida anuência do agente que personifica tal identidade, sob pena de incorporar para si valores que não refletem sua identidade em construção. Entretanto, necessitamos do olhar externo pois é através dele que são agregadas características à identidade para si em construção.

Dentro deste contexto a identificação atribuída à história da enfermagem foi questionada por esse grupo pertencente à academia, desconfortados com a condição imposta a esta área do saber, deixando-a à margem do processo de construção da identidade profissional do enfermeiro, como mostra o excerto seguinte:

“às vezes nós temos dificuldade inclusive para o entendimento de pares da importância do trabalho que a gente faz aqui...” (Entrevistado 6)

Este grupo ergueu-se em defesa da história da enfermagem, em um movimento de contestação a todo e qualquer discurso cuja pretensão fosse a construção de uma identidade para o outro pautada na descrença e no desmerecimento desse campo do saber. Neste sentido a

academia constitui-se em um espaço de contestação aos valores institucionais atribuídos à história da enfermagem conforme diz o excerto seguinte:

“espaço de luta, de luta simbólica, de luta pela valorização da profissão, [...], não só pela história da enfermagem, [...]” (Entrevistado 6).

Consequentemente, a própria academia precisou dar início ao seu processo de construção identitária, processo este já iniciado com uma grande desvantagem. Se a imagem social construída em relação à história da enfermagem era divergente da construída pelos defensores dela, era evidente que a academia sofreria este mesmo processo, sua identidade entraria em conflito com a imagem social que lhe seria atribuída. Uma Academia Brasileira de História da Enfermagem anunciada à sociedade cuja missão era promover avanços no desenvolvimento da História da Enfermagem, tornando-a relevante para compreender o passado, interpretar o presente e influenciar o futuro, de imediato passaria por problemas de reconhecimento e teria sua identidade questionada pelas instituições:

“como criar uma academia brasileira de história da enfermagem, nos moldes da americana (American Academy of Nursing) sem o consenso, interesse e apoio dos líderes da profissão na época...” (Entrevistado 5)

Este é outro excerto que também ilustra muito bem a trajetória, da academia, de desafios e lutas a que se submeteu para forjar sua identidade em meio a um ambiente desfavorável.

“Lamento estar longe e não ter o respaldo da minha universidade para poder dar uma colaboração mais efetiva à ABRADHENF” (Entrevistado 3).

A subcategoria seguinte, **Construção de experiências de reconhecimento e pertencimento no contexto da academia**, ilustra um segundo momento no qual começa a transparecer a identidade da ABRADHENF. O momento de recusa à identidade para o outro atribuída pelas instituições foi crucial para uma série de transações internas que culminaram na construção identitária da academia:

A Academia Brasileira de História da Enfermagem ela venceu muitos desafios iniciais e continua enfrentando outros desafios na atualidade para poder se

constituir como uma entidade com identidade própria, com uma contribuição a ser manifestada, trazida ao coletivo da enfermagem. (Entrevistado 2)

O excerto acima ilustra muito bem a identidade para si em processo de construção, inacabado como nos diz Dubar. A academia adotou como estratégias identitárias - termo usado por Dubar ao discorrer sobre o conflito entre identidade para si e identidade para o outro, e estas estratégias visam justamente reduzir as distâncias entre estas duas identidades - atuar em dois eixos: o da formação e o do trabalho.

Estes dois eixos são cruciais dentro do processo de construção das identidades e segundo Dubar (2005) se estes dois campos adquiriram tal relevância é porque as esferas do trabalho e da formação constituem áreas pertinentes das identidades do indivíduo. A formação, segundo Dubar (2005, p. 146), “se tornou uma componente cada vez mais valorizada não somente do acesso aos empregos, mas também das trajetórias de emprego e das saídas de emprego”. Então, a formação constitui-se em um fator determinante dentro do processo construtivo da identidade para si e, ao falar em formação o recorte necessário aplicado neste estudo diz respeito à formação acadêmica somente.

Neste âmbito, acontecem as primeiras vivências de construção da identidade profissional e segundo Dubar (2005, p. 147) “esta não é escolhida, mas conferida pelas instituições”. As instituições escolares têm uma relevante participação dentro deste contexto pois iniciam o indivíduo nesse processo contínuo da construção identitária profissional. Importante reforçar que não há a pretensão de apagar toda a identidade social desse indivíduo construída nas formações anteriores e resultante das interações sociais vivenciadas por esse agente.

Logicamente, ao adotar como estratégia a atuação no eixo da formação a academia tinha como motivação modificar o olhar do outro - as instituições de ensino - frente à apresentação do conteúdo História da Enfermagem aos alunos, pois

“sem conhecer bem o passado, é difícil compreender o presente e planejar um futuro melhor para a própria profissão” (Entrevistado 5).

Ora, se as instituições de ensino têm essa importante missão - contribuir para o processo de construção identitária do futuro profissional - como cumpri-la negando-o o conhecimento sobre as lutas e conquistas que ajudaram a transformar a profissão no que ela é hoje?

Eis aqui um dos pilares que sustentam a criação da academia e, conseqüentemente, contribuiu para construção da identidade para si institucional, pois a partir das transações internas realizadas pela academia, a construção identitária acontecia margeada pela identificação pelo outro.

O segundo eixo de atuação da academia, conforme mencionado anteriormente, trata-se do campo do trabalho por este ser um local onde acontecem transformações muito significativas. Dubar (2005, p. 148) refere que “entre os acontecimentos mais importantes para a identidade social, a saída do sistema escolar e a confrontação com o mercado de trabalho constituem atualmente um momento essencial da construção de uma identidade autônoma”.

Essa afirmação reveste-se de um significado muito especial pois na transição entre a formação e o ambiente de trabalho abre-se um campo onde tudo é possível e, a identidade para si construída durante o período de formação é colocada em cheque frente à identidade para o outro construída pelas instituições de trabalho, afinal “é na confrontação com o mercado de trabalho que, certamente, se situa a implicação identitária mais importante dos indivíduos” (Dubar, 2005, p. 148).

São nas relações profissionais que estas identidades entram em constante interação resultando em processos de (re)construções identitárias que acompanharão este indivíduo por toda sua trajetória profissional. De fato, isto parece ser bastante emblemático pois, a depender da imagem social que uma instituição constrói sobre uma dada profissão, disso dependerão todas as relações de trabalho ali estabelecidas e os papéis a serem desempenhados dentro da instituição. Dubar (2005, p. 149) diz que “é do resultado dessa primeira confrontação que dependerão as modalidades de construção de uma identidade profissional básica...”

O autor chama-a de básica porque esta identidade inicial será a base para as outras transformações que ocorrerão nesse processo contínuo de interação entre profissional e instituição de trabalho, cujo resultado não será somente a construção da identidade no trabalho, mas a antecipação de uma trajetória de emprego e, inclusive, a projeção para o futuro.

Não se pode afirmar com certeza qual caminho essa trajetória profissional seguirá pois é marcada pelas incertezas decorrentes da dualidade entre estas duas identidades: identidade para si e identidade para o outro. E, a identidade profissional para si, mesmo que reconhecida pelo empregador, tem cada vez mais chances de não ser definitiva, por estar regularmente em confronto com as transformações, quer sejam tecnológicas, quer sejam organizacionais ou de gestão de emprego das empresas, conforme esclarece Dubar (2005).

A academia ao assumir esse eixo como importante no processo de aproximação das identidades construídas para a história da enfermagem entendeu que não bastaria pensar numa

construção identitária voltada somente na formação, por tanto, não bastaria aproximar as identidades somente dentro instituições de ensino. O excerto seguinte expõe muito bem este entendimento latente na academia:

“foi decorrente da necessidade sentida de se ter uma entidade específica para aprofundar estudos e pesquisas e promover a educação de enfermeiros e do público, em geral, com relação à história e ao legado da profissão de enfermagem” (Entrevistado 5).

Pode-se afirmar, então, que estes dois eixos discutidos acima constituem pilares para a atuação da academia e complementam a primeira categoria exposta neste estudo, como recusa à identidade atribuída pelas instituições à História da Enfermagem. Diminuir a lacuna entre as identidades atribuídas a esta área do conhecimento é o objetivo principal, contudo, o processo em si, alavancou a reconstrução das várias identidades presentes nesta interação. A Academia Brasileira de História da Enfermagem cuja identidade já estava em construção antes mesmo de sua criação, ainda enquanto projeto ou uma ideia preconcebida por seus mentores, necessitou reconstruir sua identidade pautada nas interações sociais com as outras instituições e obter o reconhecimento delas:

“o nosso Conselho Federal de Enfermagem reconhece as atividades da ABRADHENSF como sendo importantes para a enfermagem enquanto sociedade, enquanto grupo, enquanto profissão.” (Entrevistado 6)

Não basta pertencer a um grupo, é preciso que o grupo reconheça seu lugar nele e suas contribuições para o grupo, ou, os vários grupos, e esse sentimento de pertença é crucial para o processo de construção identitária. Outros atores sociais também tiveram sua identidade social transformada a partir das interações intergrupos, refiro-me aqui aos membros da academia, a reconstrução de suas identidades foi consequência direta para que o processo de ressignificação da História da Enfermagem pudesse acontecer:

“agora que a gente criou esses grupos de história isso deu outra visão para a história da enfermagem porque também os historiadores passaram a usar outros elementos, outras metodologias que não só aquela repetição de data”(Entrevistado 1).

Dubar (2005) explica que esses processos implicam em uma transação que pode ser conflituosa entre os indivíduos portadores de desejos de identificação e de reconhecimento, e as instituições, que oferecem status e formas diversas de reconhecimento, disso decorrerão as estratégias para alcançar o reconhecimento desejado.

Por fim uma última categoria foi identificada nos discursos dos entrevistados, trata-se da **Valorização dos Ritos e Símbolos no processo de (re)construção identitária da academia**. Esta categoria expressa valores muito significativos para aquele grupo pertencente à academia:

“eu sempre achei e valorizei muito nossos emblemas, essas nossas insígnias que identificam a profissão, e esses rituais, esses ritos, eu sinto muito que te dá aquela sensação de pertencimento” (Entrevistado 1).

Os ritos são considerados, para os membros da academia, elementos importantes dentro do processo de construção da identidade do enfermeiro, juntamente com a formação e o trabalho, porém seus efeitos atuam no campo dos sentimentos, das emoções, e isso confere aos ritos uma grande capacidade de contribuir para a introjeção de valores à identidade em construção.

Por outro lado, não há como negar a influência dos ritos sobre aqueles que os praticam, ou seja, os indivíduos que estão à frente do cerimonial pois eles também sofrem os efeitos do ritual em curso tendo suas identidades resinificadas, ou reconstruídas. Desta forma, todos são influenciados pelos ritos celebrados e, nem mesmo a ABRADHENF fica incólume aos seus efeitos, pois a identidade institucional tem nos ritos um elemento relevante para sua construção. O excerto a seguir exemplifica essa visão dos membros da academia:

“e o crescimento da academia, uma das suas possibilidades de visibilidade se dá através dos ritos” (Entrevistado 4).

Relembrando Dubar(2005) quando afirma ser a identidade um processo em construção influenciado pelo coletivo, esse ato coletivo, os ritos, conferem a cada indivíduo uma identidade ímpar pois a apreensão dos valores transmitidos através dos ritos não são iguais para todos ali envolvidos:

“eu acho que esses rituais eles aparecem entre diversas formas, mas o importante é ter clareza de quais são os rituais, quais são os símbolos que representam essa entidade...” (Entrevistado 2).

Então, à medida que cada elemento do grupo (re)constrói sua identidade, ao longo de sua trajetória, os ritos e os símbolos a ela incorporados passam a compor sua identidade para si:

“após você passar por um rito, isso eu sinto muito nos alunos lá na escola quando a gente coloca aquela insígnia no peito deles, e a gente fala nos discursos também, nossa, dá a ele aquela sensação de pertencimento” (Entrevistado 1).

O excerto acima ilustra a capacidade dos ritos em promover a inclusão de um indivíduo a um grupo social tornando-o membro dele.

Diante do exposto, pode-se afirmar que a cerimônia ou rito, juntamente com os símbolos nele empregados, cumpre algumas formalidades: serve como apresentação do iniciado à sociedade da qual a partir daquele momento fará parte; tem a finalidade de reforçar conceitos e valores ali muito importantes para aquele grupo social; no momento do acontecimento possui a capacidade ímpar de provocar introspecção no iniciado, cuja reflexão acerca da importância para si em pertencer àquele grupo no qual está sendo iniciada, a importância de assumir seu lugar e seu papel nesse grupo social e suas expectativas futuras quanto às contribuições que deverá trazer para o grupo; e, tem o potencial de contribuir para a construção identitária de todos ali no grupo, cada um (re)construindo sua identidade conforme apreende os valores e significados ali embutidos, bem como, coletivamente, construindo a identidade do grupo.

Sobre os ritos Dubar (2005, p. 165-6), em sua obra *A Socialização* diz que o termo “profissão” deriva de “profissão de fé”, ocorridos por ocasião das cerimônias de admissão nas corporações. Segundo o autor:

O ato essencial que unia entre si os membros de uma corporação era um juramento religioso solene, um juramento com forma similar aos juramentos pronunciados pelos padres por ocasião de sua ordenação, pelos monges quando recebem as ordens, pelo rei em sua coroação, pelos cavaleiros quando entram na ordem da cavalaria ou juram fidelidade ao seu senhor, ou pelos universitários quando recebem seu diploma de doutorado.

Segundo Dubar as instituições de trabalho possuíam um rito de iniciação de novos funcionários muito semelhante aos ritos religiosos, e não é à toa que se assemelham a eles pois

os ritos religiosos são incorporados ao grupo social com extrema eficácia e criam uma profícua identificação. Desses ritos resultam um sentimento de pertença que seria benéfico para ambos: indivíduo e instituição.

Diante do exposto fica claro que os ritos têm um papel importante dentro de uma instituição, o de unir indivíduos ligados por um propósito em comum, unir indivíduos que conjuram ideias semelhantes e a identificação recíproca adquire mais significado à medida que os ritos adquirem maior relevância e tornam-se mais comuns dentro da instituição.

Dubar (2005, p. 179) ressalta que “a organização deve zelar pela aprendizagem e pela reprodução do ritual entre os profissionais”. Segundo ele os ritos têm a finalidade de proteger seus membros dos riscos de perda da identidade e quanto maior forem os riscos mais elaborados devem ser os ritos. Nota-se, também, através dos discursos dos entrevistados que os ritos mantêm essa característica mencionada pelo autor, sendo que, à medida que a instituição avança, o aperfeiçoamento de seus ritos ajuda a refinar sua identidade:

Como as cerimônias de posse de reitor, de professor titular, enfim, tem uma ritualística própria do mundo acadêmico e das cerimônias ligadas ou não às universidades e que a gente também quis desfrutar e criar para a enfermagem através da Academia Brasileira de História da Enfermagem. (Entrevistado 4)

Então eu acho que na academia, quando nós criamos esse rito da cerimônia, da entrega, da outorga da medalha ao acadêmico, você mostra para a sociedade a qual ele pertence e concretiza toda aquela trajetória dele. (Entrevistado 1)

Os ritos na academia, ao mesmo tempo em que unem seus pares e reforçam o ideal comum do grupo social, conferem a esta entidade uma identidade para si que está sendo construída através das interações entre seus membros, entre seus membros e os atores sociais externos. Entretanto, não somente dos ritos tradicionais a academia é composta e, apesar de ser uma academia com forte apego à tradição, para seus membros outros elementos surgiram como instrumento capaz de conferir pertencimento:

“assim, poderiam ser considerados como ritos de pertencimento a continuidade com estudos e pesquisas sobre História da Enfermagem...” (Entrevistado 5).

A ampliação dos ritos de pertencimento para além das cerimônias tradicionais demonstra que a academia está construindo sua identidade com base na tradição, porém modernizando-se e incluindo novos elementos com ritos de pertencimento.

Os elementos utilizados no rito de posse da primeira acadêmica, por exemplo, a toga que a homenageada usou e a medalha com a impressão da lâmpada usada por Florence, compõem um conjunto fortemente marcado por referências resgatadas e amparadas pela tradição remetendo a símbolos específicos da enfermagem fortemente ligados à identidade dessa profissão.

Figura 1 - Profa. Dra. Taka Oguisso. Ribeirão Preto, 2013.



Crédito da imagem: Taka Oguisso

Observa-se no plano de fundo e ao lado esquerdo um aparador em madeira estilo colonial em cuja base repousa uma réplica da lâmpada, em tamanho menor à réplica existente no Museu Florence Nightingale em Londres, trazida pela Profa. Taka Oguisso de Londres e doada, em setembro de 2015, ao Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-americana sediado na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Ao centro da fotografia encontra-se a homenageada sentada numa cadeira de madeira maciça estilo colonial cujo espaldar destaca-se pelo requinte nos detalhes esculpidos. Estes objetos remetem ao clássico e

à tradição como elementos recorrentes para reforçar a identidade social do grupo e integrar todos no contexto do ritual. A postura da homenageada - costas eretas, mãos repousadas sobre as coxas e pés cruzados, sorriso discreto – revelam elegância e requinte adequados à ocasião. Sobre seus ombros repousa a capa usada na cerimônia com as cores azul marinho e vermelho, confeccionada exclusivamente para a ocasião, cujo reconhecimento social dá-se no plano da autoridade, que lhe é outorgada, como primeira acadêmica, ressaltando sua importância no cenário profissional e social. Em seu busto repousa uma medalha segurada por uma fita de cor azul cujo símbolo impresso, revelado pela homenageada, refere-se à lamparina utilizada por Florence nas visitas noturnas aos pacientes. O cenário da foto é o anfiteatro da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto, cidade escolhida não por acaso. A escolha desta cidade como local para investidura da Primeira Acadêmica da ABRADHENF deu-se por ser o local de nascimento do vulto escolhido pela acadêmica para ser patrona da primeira cadeira da entidade, a Profa. Amália Correa de Carvalho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo desvelou as percepções e os significados atribuídos pelos membros da Academia Brasileira de História da Enfermagem aos seus ritos de pertencimento e formação identitária, identidade esta que segundo Dubar está em constante transformação, nunca construída sozinha mas a partir das interações sociais entre indivíduo e sociedade e a partir deste conceito foi possível construir uma discussão acerca da identidade profissional dos membros da Academia Brasileira de História da Enfermagem e até mesmo da própria instituição.

Foi possível identificar vários processos de construção identitária ocorrendo simultaneamente a partir das interações ocorridas nesse cenário, embaladas pelo que Dubar chama de negação às identificações criadas pelo outro. A História da Enfermagem cuja importância dentro do contexto da enfermagem estava sendo negligenciada e correndo risco de apagamento, fato não aceito por um grupo de pesquisadores que uniram-se para promover mudanças nesse cenário atual. Este grupo observou que havia um abismo entre identidade para si e identidade para o outro no que se refere a esta área do conhecimento e que deveriam aproximar estas identidades diminuindo este distanciamento.

Outro processo de construção identitária ocorrendo simultaneamente refere-se aos membros da academia, pois desse embate na reconstrução da identidade da História da Enfermagem tiveram que reconstruir sua própria identidade, ressignificando-a para adequar ao novo cenário proposto, qual seja, alavancar a história como disciplina capaz de promover avanços no campo da profissão e capaz de permitir um olhar crítico sobre esta profissão.

Por fim, um terceiro processo ocorrendo simultaneamente diz respeito à construção identitária da própria Academia Brasileira de História da Enfermagem como consequência direta de sua missão. A academia iniciou seu processo identitário permeado por lutas e conflitos em busca de reconhecimento e visibilidade para a história da enfermagem perante as instituições. Contudo, não se pode lograr êxito pois o produto final ainda não foi alcançado e muitos caminhos ainda não foram percorridos pela academia.

Nesse processo de construção da identidade profissional ficou evidente que os ritos e símbolos desempenham o importante papel de ajudar na fixação e valorização dessa identidade em construção, além de contribuir para o sentimento de pertença a um grupo social. Também foi possível apreender que além dos ritos tradicionais, a instituição precisou estabelecer novos ritos institucionais como expressão de sua identidade. Contudo, não se pode afirmar que esta

identidade está pronta, pois a cada interação social ela é posta à prova, afinal identidade para si e identidade para o outro nem sempre trilham o mesmo caminho.

Apesar de terem sido analisados separadamente neste estudo estas construções ocorrem simultaneamente, influenciadas umas pelas outras e influenciadas, também, pelas interações com outros grupos sociais, caracterizado pela dinamicidade, interatividade, conflituoso e incerto.

Observou-se que a formação e o trabalho são campos importantes dentro da construção identitária profissional, segundo Dubar, e ambas constituíram áreas de atuação da academia no sentido de diminuir as distâncias entre identidade profissional e imagem social. Contudo percebe-se que a academia tem uma inclinação maior para atuação no campo da formação, isso se deve pelas características de seus membros que na sua maioria atuam na pesquisa e docência, e esta característica fez com que a academia tenha maior atuação junto às instituições de ensino. Quanto às instituições de trabalho, as parcerias com órgãos representativos da categoria profissional constituíram um excelente caminho para buscar diminuir a lacuna entre as identidades.

As limitações deste estudo estão em não poder, através dele, estabelecer um processo único de construção identitária da profissão, pois algumas variantes interferem e influenciam este processo, por exemplo, instituições de ensino e de trabalho, relações intragrupos e entre grupos sociais e ritos. Estes elementos, contudo, pode oferecer subsídios para ampliar as discussões acerca do processo de construção identitária a partir do que foi identificado junto aos membros da academia e à própria Academia Brasileira de História da Enfermagem.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

Bardin L. Análise de conteúdo. 4ª ed. Lisboa: Edições 70; 2009.

Barreira IA, Baptista SS. O Movimento de Reconsideração do Ensino e da Pesquisa em História da Enfermagem. *Rev Bras Enferm.* 2003;56(6):702-6.

Campos PFS, Oguisso T. A Identidade e exercício profissional. In: Oguisso T, Schmidt MJ. Organizadoras. O exercício da enfermagem: uma abordagem ético-legal. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2010.

Donoso MTV, Donoso MD. O cuidado e a enfermagem em um contexto histórico. *Rev Enf UFJF.* 2016;2(1):51-5.

Dubar C. A crise das identidades. A interpretação de uma mutação. São Paulo: Edições Apontamentos. 2006. A crise das identidades profissionais; p.85-112.

Dubar C. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Para uma teoria sociológica da identidade; p.133-59.

Dubar C. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Das “profissões” à socialização profissional; p.163-91.

Estatuto da Academia Brasileira de História da Enfermagem. [Internet]. São Paulo; 2010 [atualizada 2018; citado 2018 jul 04]. Disponível em: <http://www.abradhenf.com.br/pt-br/institucional>

Freitas GF, Oguisso T. Memória e história na construção da identidade profissional da enfermagem. In: Oguisso T, organizadora. Trajetória histórica da enfermagem. Barueri-SP: Manole; 2014. p. 242 -260.

Johnson M, Cowin LS, Wilson I, Young H. Professional identity and nursing: contemporary theoretical developments and future research challenges. *International Nursing Review.* 2012;59(4):562–9.

Le Goff J. História e Memória. Lisboa: Edições 70; 2000. 1 v.

Löw L. Enfermeiras Negras na Revolução Constitucionalista de 1932 [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2013.

Luchesi LB, Lopes GT. História Oral. In: Oguisso T et al, organizadores. Pesquisa em História da Enfermagem. Barueri-SP: Manole; 2011. p.401-56.

Meihy JCSB. Manual de História Oral. 5ª ed. São Paulo: Loyola; 2005.

Moreira A, Porto F, Oguisso T, Campos PFS. Marcas simbólicas da história da enfermagem: o caso da moeda brasileira de 400 réis (1936). *Enfermería Global*. 2009;16:1-11.

Moreira A. Profissionalização da enfermagem brasileira. In: Oguisso T, organizadora. *Trajetória histórica da enfermagem*. Barueri, SP: Manole, 2014. p.124-46.

Nascimento MAV. Dimensões da identidade profissional docente na formação inicial. *Rev Port Pedag*. 2007;41(2):207-18.

Oliveira SL. *Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses*. 2ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson; 2004.

Padilha MICS. A Enfermagem em foco: perspectivas no ensinar e aprender a história da profissão. In: 56º Congresso Brasileiro de Enfermagem; 2004 out. 24-29; Gramado, RS.

Porto F, Santos TCF. O Rito e os Emblemas na Formatura das Enfermeiras Brasileiras no Distrito Federal (1924-1925). *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2009;13(2):249-55.

Porto F, Santos TCF. Pesquisa Fotográfica. In: Oguisso T et al, organizadores. *Pesquisa em História da Enfermagem*. Barueri-SP: Manole; 2011. P.377-400.

Regimento Interno para Membro Acadêmico. [Internet]. Rio de Janeiro; 2016 [atualizada 2018; citado 2018 jul 04]. Disponível em: <http://www.abradhenf.com.br/pt-br/institucional>

Rudio FV. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 42ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes; 2014.

Sánchez AC, Díaz DPG, Gómez STG, Vargas AV. *Enfermería: simbología, estereotipos e imagen social: “una visión transgeneracional” de enfermeras y médicos en la Fundación Santa Fé de Bogotá*. *Actual Enferm*. 2012;15(4):9-19.

Santos C. A Construção social do conceito de Identidade profissional. *Interações*. 2005;8:123-44.

Santos TCF. *A câmara secreta e o olhar indiscreto: a persistência da liderança Norte-Americana no ensino da enfermagem na capital do Brasil (1928-1938) [tese]*. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1998.

Siles J. *Historia de le Enfermería*. Alicante-Esp: Aguaclara Editorial; 1999. 2 v.

Silva AL, Padilha MICS, Borenstein MS. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. *Rev Lat-Americ Enferm*. 2002;10(4):586-95.

Simieli MF et al. Rito Católico e imagem da enfermeira (1957). *Aquichan*. 2014; 14(1): 109-18.

APÊNDICE

APÊNDICE

APÊNDICE 1 -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Fábio Soares de Melo, aluno de Mestrado da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, venho convidá-lo(a) a participar de uma pesquisa sobre “Percepções dos membros da Academia Brasileira de História da Enfermagem acerca dos seus ritos identitários” cujos objetivos são descrever e analisar os significados atribuídos pelos membros da Academia Brasileira de História da Enfermagem aos ritos de pertencimento e formação identitária desse coletivo.

Para tanto, será realizada entrevista presencial, podendo também ser realizada por videoconferência, se for o desejo do participante. Nesse caso, opta-se por gravá-la em áudio ou vídeo. Em ambas as situações, o participante definirá o dia, local e horário de acordo com a sua disponibilidade. A entrevista será confidencial e sigilosa, garantindo o anonimato e a privacidade. O tempo estimado para a entrevista será de aproximadamente uma hora.

O conteúdo da entrevista será utilizado somente para a realização do estudo, podendo os resultados serem apresentados em eventos e publicados em revistas científicas, além de formar um acervo importante para pesquisas futuras nesta área do conhecimento.

Reforço o caráter voluntário de sua participação nesse estudo, podendo encerrá-lo a qualquer momento caso deseje, sem quaisquer prejuízos. Caso tenha alguma despesa decorrente de sua participação nesse estudo, o pesquisador arcará com o ressarcimento bem como a indenização diante de eventual dano sofrido pelo participante e que seja decorrente da pesquisa.

A entrevista pode causar desconforto ao participante por recordar vivências do passado. Neste caso, o pesquisador demonstrará empatia e aguardará o tempo necessário a fim de que o colaborador decida se continuará ou não participando dela, sendo respeitado o princípio da liberdade e da autonomia do mesmo.

Os benefícios prováveis pela participação do colaborador neste estudo estão presentes na possibilidade de resgatar a memória e poder traçar um perfil da formação identitária profissional do sujeito da pesquisa, contribuindo, sobremaneira, para os estudos históricos sobre identidade profissional da enfermagem.

O pesquisador agradece a sua atenção e coloca-se à disposição para quaisquer esclarecimentos ou eventuais dúvidas sobre a pesquisa, antes ou após o seu consentimento. Você poderá contatá-lo em qualquer etapa do estudo através do telefone (11) 98150-8554 que estará à disposição por 24h, ou através do e-mail: fabio.soares.melo@usp.br, bem como por meio do endereço Avenida Queiroz Pedroso, 562, apartamento 710, Jardim Pedroso, Mauá/SP, CEP 09370-360.

Caso o senhor(a) tenha alguma dúvida sobre a ética da pesquisa poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa(CEP/EEUSP), situado no endereço Avenida Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419, Cerqueira César, São Paulo/SP, CEP 05403-000, ou pelo telefone (11) 3061-8858.

Conforme normas da Resolução N°466 de 12 de dezembro de 2012, que versa sobre os aspectos éticos em pesquisa envolvendo seres humanos, o documento será disponibilizado em duas vias, ficando uma delas com o participante.

Assinatura do pesquisador

Li e compreendi os objetivos do estudo, bem como todos os procedimentos que serão realizados. Estou ciente dos possíveis riscos e benefícios da pesquisa, bem como da possibilidade de entrar em contato com o pesquisador em qualquer momento da pesquisa.

São Paulo, ____ de _____ de _____.

Assinatura do colaborador

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO 1 - ENTREVISTADO 1

Quais são os significados atribuídos à sua escolha para integrar a Academia Brasileira de História da Enfermagem? Na realidade eu não escolhi, me convidaram até para fundar. Nós na época, eu estava acho que terminando, 2010 que ela foi fundada, não já tinha terminado em 2003 o doutorado, mas fiz um vínculo muito grande com a USP. Então doutora Taka, muito empolgada e com uma ideia já bem antiga da criação da academia, convidou um grupo mais jovem que estava ali começando a atuar na história da enfermagem para criar a academia. Com o fito de unir, de congregar pesquisadores na área mesmo de História da Enfermagem porque nos grandes congressos, nas grandes associações a história da enfermagem sempre se perdia um pouco, eram poucos os interessados, era assim. Então aí não só assim quem fez um trabalhinho, mas aqueles que pesquisam e se envolvem realmente com a história da enfermagem, então esse significado se tornou assim bastante relevante, por quê? Porque seriam assim pessoas expert no assunto. A academia ela não tem a finalidade de ser uma Associação Brasileira de Enfermagem, de angariar muitos sócios, não, por isso são acadêmicos, por isso que tem o nome de academia com o sentido mesmo inicial de que se tinham, nós fomos buscar todos os princípios do que era uma academia para fundar a nossa tanto que como ela ainda é relativamente nova os nossos ritos ainda estão sendo formados. Nós criamos, tem dois ou três anos, o primeiro acadêmico que foi não, tem quatro anos, foi a professora Taka. Nós fizemos e ainda não tínhamos roupa, não sabíamos como fazer, e o professor Fernando dizia: “vamos fazer fardão, vamos fazer”. A gente acha que aí já é um pouco demais, que a gente precisava modernizar um pouco. Então todas as vezes, em relação ao rito do acadêmico, tem todo um processo antes de formar uma comissão que avalia toda a vida acadêmica e a produção daquele indicado e aí fizemos aquela cerimônia toda de outorga do título. Criamos na nossa gestão, já foi na minha gestão, um modelo da medalha e aí criamos assim a medalha dourada para o acadêmico e também criamos a medalha de bronze para o presidente. Eu tenho a medalha que fica comigo que vou passar para o próximo presidente, entendeu? Então esses foram uns dos primeiros ritos que nós criamos, agora criamos também nesse evento que fizemos no ano passado, o prêmio Taka Oguisso que é o prêmio para trabalho em História da Enfermagem para estimular também os alunos e esse ano eu já criei, junto com o Conselho Executivo da ABRADHENF, ainda não está pronta, a bandeirada da Academia que agora em todos os eventos

que nós tivermos nós entraremos com a bandeira. Quer dizer, então nós vamos basicamente criar outro rito de entrar com a bandeira, além do que a gente já segue o da própria enfermagem de entrar com a lâmpada que é o nosso símbolo maior da enfermagem.

Além dos símbolos que já são consolidados, não é? Esses novos símbolos que estão sendo criados a intenção deles é buscar uma identidade para a instituição? Exatamente. Dar uma identidade para a instituição em si porque eles têm, deixa-me mostrar a medalha para você. Eu estou até com ela aqui e vou pedir para você levar. Ela tem toda uma característica. O símbolo da academia tem aquelas colunas, não é? E são as colunas gregas da primeira academia grega está vendo? Então a medalha tem essas colunas gregas, esse viés que tem aqui com essa chama é a chama da enfermagem, essa estrela por ser a primeira Academia de História da Enfermagem Brasileira, e aqui um símbolo, aqui o ano de criação dela. E assim esses bordõezinhos para dar um brilho, uma coisa do histórico, do conservador, não são antigos, do tradicional. E o verde da fita é o verde da área da saúde, é a cor da enfermagem. Tem todo esse significado e foi mandado fazer por uma artista na época. A professora Taka conseguiu uma desenhista, uma pessoa que desenhou e que idealizou, ela idealizou as colunas, assim como essa chama, que é a chama da lâmpada da enfermagem, que representa o conhecimento, e aí isso aqui, a estrela, assim aí foi eu e o Nilo, o profissional que confeccionou as medalhas.

A escolha das cores, o metal bronze e dourado tem algum significado? Não, é o tradicional assim de que o ouro tem mais valor por isso é o acadêmico, é aquele que mais sabe, que detém o saber da academia, de um acadêmico e, diferente do acadêmico que a gente fala quando entra para faculdade. O acadêmico por competência, pelo saber, por trazer o conhecimento e, aí o bronze, eu falei assim “não, eu não posso botar um igual para presidente.” Até porque na época, eu também ainda não era e não sou acadêmica, entendeu? Eu não posso ter uma medalha da mesma cor que um acadêmico, aí o rapaz que fez falou “não, vamos fazer uma de bronze que fica para o presidente”, que pode ser um membro, quer dizer, um pesquisador de história da enfermagem, mas que ainda tenha a condição de acadêmico.

Estive na cerimônia de posse do professor Osnir e na do professor Genival. E eu percebo que a cada, cada cerimônia vai se aprimorando. Isso tem muito a ver com o acadêmico ou é da academia que ainda está formando esse rito? Eu acho que é com a academia mesmo que está se formando esse rito de posse dos acadêmicos. Ainda não tem nada escrito, estipulado como é que deve ser, nada disso. Temos sim o regulamento para indicação e escolha do Acadêmico e que a posse tem que ser durante uma Assembleia da ABRADHENF. E eu gosto

muito do tradicional, de seguir estes padrões de rituais, então você viu que na do Osnir a gente, eu fiz questão de fazer um convite individual para cada um, mandar para as autoridades. Tudo assim dentro do que era e eu foi olhar nas outras academias como funcionava o diploma de acadêmico, e tudo isso aí a gente vai seguindo porque nós estamos ainda em construção. Agora pode ser que venha outro presidente e que não ligue tanto para esse ritual. O que eu acho difícil porque a gente que lida com a história da enfermagem já gosta bastante de manter porque isso dá uma identidade da profissão. E a gente vê, você vê todas as pessoas que vão numa formatura de enfermagem vê como é diferente em relação a algumas outras formaturas.

Professora, me fale sobre esses ritos de pertencimento a partir de sua vivência como membro da academia. Sim. Eu, na minha época acadêmica de enfermagem, fui da dama lâmpada. Então eu já passei por aquela formação, a minha escola sempre foi tradicional, a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, então lá até hoje nós temos a imposição de insígnia de aluno, a imposição de insígnia quando se forma e a cerimônia da lâmpada. Em todas as solenidades da escola nós fazemos a cerimônia da lâmpada e nas formaturas a passagem, que hoje o prêmio não é mais dama da lâmpada, que no meu tempo ainda era, agora é prêmio Florence Nightingale, mas fazemos todo o ritual da Dama da Lâmpada com a capa, segurando e tal. Então eu já sempre trouxe essa coisa da enfermagem com ritos. Chegando aqui na USP fazendo o doutorado e estudando muito sobre a origem da enfermagem e da sua profissionalização eu vi o quanto ela é importante e que ela precisava disso para se firmar, não só cientificamente através dos estudos, mas a sua imagem, que a gente precisava manter essa imagem até por conta da estratificação que tem na categoria de enfermagem, temos o auxiliar, o técnico, o enfermeiro, então se você não tem nenhuma identificação, nada que o diferencie todos são chamados de enfermeiros no hospital, todos, aliás qualquer um menos o médico, é chamado de enfermeiro. Então eu sempre achei e valorizei muito esses nossos emblemas, essas nossas insígnias que identificam a profissão, então eu acho, e esses rituais, esses ritos, eu sinto muito que te dá aquela sensação de pertencimento. Após você passar por um rito, isso eu sinto muito nos alunos lá na escola quando a gente coloca aquela insígnia no peito deles, e a gente fala nos discursos também. Nossa! Dá a ele aquela sensação de pertencimento. Então eu acho que na academia, quando nós criamos esse rito da cerimônia, da entrega, da outorga da medalha ao acadêmico, você mostra para a sociedade a qual ele pertence e concretiza toda aquela trajetória dele. Que ele estudou, que ele se formou porque ali você fala todo um histórico da vida dele profissional, da produção, de tudo que ele foi e dá além do certificado, faz aquela cerimônia toda. Então isso dá uma satisfação para sociedade que vai poder identificá-lo dali

para frente como um Acadêmico. E aí assim eu sempre participei, eu gosto muito de fazer. Eu na hora de falar chego lá na frente, você deve ter visto no nosso evento eu me embanano toda que fico nervosa, mas assim no organizar, no fazer eu gosto, essa coisa eu gosto muito, então eu gosto de organizar essas coisas, de eventos, e faço questão de organizar e manter esses ritos. Uma experiência que eu tive que foi muito legal, eu durante uns cinco ou seis anos, não, uns quatro ou cinco anos, eu fui coordenadora da comissão do CBCENF, que é um congresso organizado pelo Conselho Federal de Enfermagem. Aí eu introduzi a lâmpada no congresso que ninguém falava, não eram muito ligados, até porque conselho é mais ligado a legislação, essas coisas do exercício, e eu falei “não, mas nós não podemos esquecer”. Nós fizemos no congresso que foi em Curitiba, a cerimônia da lâmpada. E aí, para mim, na minha cabeça era tão forte essa coisa de segurar a lâmpada que para mim não podia ser qualquer um, tinha que ser alguém que tivesse sido a dama da lâmpada verdadeiramente, aí eu me vesti toda de dama da lâmpada, foi tão engraçado porque virei estrela naquele momento, todo mundo fotografando, foi bonita a cerimônia. Aquela coisa de apagar a luz, só entrar a lâmpada acesa, foi muito bonito, e eu acho como pesquisadora de história da enfermagem a gente tem que justamente valorizar isso e aí traz a história junto, quando você faz esses ritos, não é? Eu fico muito feliz porque valoriza a história da enfermagem. O conselho já tinha feito, através de resolução, hino, a cor do anel, da pedra, essas coisas todas, depois legislou porque nosso conselho também foi recente, então aí agora que ele legislou e tal. E a nossa academia também ela já tem aquela coisa da data da criação buscando os nossos símbolos, foi vinte de agosto se eu não me engano, que foi a data de morte de Florence, Centenário da Morte. Aí nós fizemos, e nada é por acaso. É feito para isso mesmo, para manter os nossos precedentes, os que nos precederam, os que formaram os nossos alicerces. Que são importantes.

Essa questão não só dos símbolos tradicionais, mas, também dos novos símbolos que vão se constituindo, vão se consolidando, e que talvez não remeta à enfermagem como um todo assim como a clássica lâmpada. Mas não pode fugir, eles têm que estar lá, num momento eles têm que aparecer. Tem que botar que foram os primeiros e que, às vezes, já não se usa. A touca, eu nunca usei. Tinha a maior frustração que nunca tinha usado.

A capa que se usava. Usava-se, tanto que a Taka quando ela recebeu a medalha dela, ela usou a capa que ela usava, azul marinho e por dentro era vermelha, porque ela era da Cruz Vermelha, não sei. Na minha escola a capa é toda branca. A capa da Florence, da dama da lâmpada. É com o uniforme e com a capa, e a Taka na outorga, de medalha, ela usou azul marinho. Aí agora a gente tentou assim, não vamos fazer fardão, aquilo é muito caro. Para que a gente vai fazer

aquilo? Também não tem necessidade. Vamos modernizar aí a gente aluga umas becas. Todo mundo bota beca e fica tudo bem. Porque a gente não vai ficar fora da nossa realidade, não tem necessidade. Mas aí, assim, o mais importante também para você saber, apesar dos ritos e tudo isso, é que é assim, que a academia ela não tem uma finalidade de associação, de número grande, não é. São excelências que, com foco na história da enfermagem, produzam uma história da enfermagem, entendeu. Não é para angariar um monte de gente. Como toda academia, não é para qualquer um, porque senão também perde, aí a gente fica só na ABEn que tem uma outra finalidade porque tem várias especialidades, a gente continua também sócio da ABEn, trabalha junto, no início é meio difícil, mas trabalhamos já no Rio de Janeiro, principalmente aqui em São Paulo. Trabalhar junto, mas, é outra finalidade, não é congregar um monte de associado, não é nada disso.

A própria academia no seu estatuto quebrou esse protocolo, não é? Como foi inspirada na Academia Brasileira de Letras, que foi inspirada na Francesa, o público é seletivo, existe um número tal de cadeiras e semente aquelas. A academia acho que expandiu um pouco mais, ela abriu a todos, não é? Expandiu, claro porque a gente tem que modernizar e estimular até porque o campo é restrito de história da enfermagem, não é qualquer um que gosta, que valoriza, que saiba para que serve, que se interesse pela área, importante é isso. E o bom que a gente com os grupos de pesquisa os alunos começaram a se interessar, que antigamente não tinha isso não. O aluno não quer saber lá de história da enfermagem, uma disciplina chata para caramba que ninguém queria saber, não ia querer saber, ainda no primeiro período que todo mundo quer saber da anatomia, da fisiologia. Para estudar a história da enfermagem era muito chato. Então, o objetivo da academia é justamente esse, por isso que abriu também um pouco mais, para já de estudante ir vendo esse outro lado, que é bastante esquecido, deixado de lado, desvalorizado e em toda mudança de currículo é um inferno, todo mundo quer chutar a história da enfermagem lá para o lado. Agora depois que a gente criou esses grupos de história isso deu uma outra visão para história da enfermagem porque também os historiadores passaram a usar outros elementos, outras metodologias que não só aquela repetição de data. Para estudar, estudar hábitos, estudar roupa, estudar conjuntura e modificou bastante. Passou a dar mais prazer. E aí contextualizando sempre com as coisas modernas, atuais, comparando. Os grupos de pesquisas foram muito bons para isso, pelo menos a minha experiência foi essa.

ANEXO 2 - ENTREVISTADO 2

Quais os significados atribuídos à sua escolha para integrar a Academia Brasileira de História da Enfermagem? Eu acho muito importante esse questionamento porque ele nos remete a uma reflexão e escolha, nós escolhemos integrar uma entidade de classe. E isso é diferente de algo compulsório como a inscrição ou integração, articulação com conselho aonde nós somos compelidos, obrigados, para o exercício profissional, ter inscrição no conselho mesmo que a gente não simpatize não integre mesmo, porque não há integração muitas vezes, mas nesse caso a gente escolhe integrar uma entidade que tem a ver com a sua história, no caso a minha história de vida profissional como pesquisador de uma das maiores universidades brasileiras, senão a maior, sobretudo com uma contribuição importante na pesquisa realizada em nosso país. Então a minha escolha e acho que o significado dela tem a ver por uma questão até mesmo de interesse com a identidade da Academia Brasileira de história da Enfermagem, identidade esta que é focada sobretudo, no desvelar, no questionar, no analisar os aspectos identitários da nossa profissão e que tem raízes históricas. Então meu interesse pela escolha, a escolha na verdade por esta entidade se deu pautada sobretudo nesta questão. Pelas linhas de pesquisa do departamento onde eu sou responsável por esse conteúdo da história, da ética e da legislação e bioética, mas especialmente no campo da História eu fui descobrindo ao longo dos anos a importância da História na formação do enfermeiro. Isso também me levou a desvelar, descobrir, estudar os aspectos históricos mais importantes na formação do enfermeiro tanto para ensinar como para pesquisar. Os problemas, os objetos de interesse do campo da história foram sendo construídos plasmados gradativamente. Eu terminei uma especialização em 2014 na PUC, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, cujo curso era focado na história, a história na cultura e sociedade. Esse interesse também já vinha acalentado desde o ingresso na escola quando eu tive a oportunidade de me aproximar do trabalho da professora Taka, então docente do Departamento de Orientação Profissional isso nos idos de 2002, quando então ela ensinava, pesquisava e também orientava os alunos de pós-graduação e alunos de graduação também nos temas da história. E naquele começo eu não estava convencido na questão mesmo de convicção sobre a importância da história, os significados da história para a formação do enfermeiro. Essa foi uma conquista que se deu, eu digo uma conquista porque hoje estou mais que convencido, eu estou convertido à História da Enfermagem. E, acho que a Taka teve um pioneirismo importante nessa área não só da história com grandes contribuições, mas sobretudo no evento da criação e da fundação da própria Academia Brasileira de História da Enfermagem.

Eu participei efetivamente, eu digo efetivamente porque eu estava lá nas discussões, inclusive jurídicas sobre a questão do regimento, da constituição e etc, de uma entidade e nós tivemos alguns embates iniciais seja na própria escola de enfermagem, seja nas entidades de classe como a ABEn, inclusiva ABEn nacional há época da criação da ABRADHENF. Eu estava presente tendo a oportunidade de conviver e compartilhar ideias com membros fundadores desta entidade. Então a escolha foi construída e alicerçada em base sólidas porque nós estamos em contato com pessoas sólidas, nós estamos em contato com pessoas como a professora Victória Secaf, além da própria Taka que eu já mencionei e outros professores voltados ao campo da história fora da Universidade de São Paulo especialmente no Rio, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como a professora Almerinda Moreira, professor Fernando Porto que militam há muitos anos nesta área, neste campo da história. Eu poderia citar outros nomes mais assim é sempre complicado quando a gente tem que evocar lembranças dos nomes. Pra não ser injusto e também não incorrer na falha de não lembrar alguma pessoa, mas são muitos. Então acho que a escolha não deu abruptamente, de repente, mas a escolha e o significado desta escolha pela integração à Academia Brasileira de História da Enfermagem ela se deu com compromisso político para se plasmar uma entidade que representasse, que congregasse não só pesquisadores desse campo mas também pessoas interessadas de uma forma geral, os enfermeiros e também outros profissionais que não enfermeiros, inclusive historiadores. A gente sabe que a História desperta paixões para alguns, para alguns pelo menos. Então assim há pessoas que vêm interessadas, eu já vi ao longo destes anos que são, campos de Letras por exemplo, me procuraram, a História, o grupo de pesquisa em história da enfermagem dessa universidade coordenado pela professora Taka e depois por mim e também a própria Academia Brasileira de História da Enfermagem para poder integrá-la e participar, contribuir com seus conhecimentos, suas vivências. Então o interesse não é só dos enfermeiros. Eu acho que os significados são muitos ao longo dos tempos e o principal significado é esse da gente poder também se construir como pessoa, como profissional e como pesquisador. Você vai adquirindo ao longo dos anos uma maior maturidade. Nessas múltiplas dimensões do ser e estar atuando nesse campo. Eu particularmente me fiz apaixonar, encantar pela história da enfermagem convivendo com esses nomes e outros nomes importantes que por aqui passaram e hoje alguns estão aposentados, até já não estão no nosso meio como é o caso da professora Victória e que aprendemos muito. E também um outro significado é da formação do aluno da graduação à pós-graduação. Então eu tive a oportunidade de orientar trabalhos de iniciação científica a trabalhos de conclusão de curso, mestrado e doutorado e pós-doutorado com temas históricos e eu digo que o principal significado disto é que o orientador ele também aprende

muito, ele também amadurece muito nesse processo de orientar que às vezes a orientação é um espaço de trocas. Deve ser de aproximação de ideias, de florescer ideias e eu acho que a história ela nos possibilita muito, a História da Enfermagem que é um subcampo, uma área do conhecimento que tá cada vez mais forte e há algumas décadas ela tem assumido um protagonismo que eu diria assim, na área de conhecimento da enfermagem de uma forma grande não é? Então a história da enfermagem tem uma contribuição importante reconhecida pelas entidades e instituições que avaliam os produtos de pesquisa da academia. A História, ela tem contribuições importantes eu digo, contribuições importantes de pesquisadores do Rio, de São Paulo, de Santa Catarina, do Nordeste, porque não do Norte e do Centro-Oeste também. Então nós não podemos esquecer e também elencar nomes importantes dessa área, mas não é o caso, não é o foco da sua indagação. Eu particularmente resumiria essa escolha como sendo uma escolha que se deu não de forma abrupta, mas gradativa através do encantamento, do interesse que foi cada vez maior e crescente por essa área que é da História da Enfermagem na qual eu me sinto hoje totalmente inserido, integrado e essa entidade tão importante que é a Academia Brasileira de História da Enfermagem ela venceu muitos desafios iniciais e continua enfrentando outros desafios na atualidade para poder se constituir como uma entidade com identidade própria, com uma contribuição a ser manifestada, trazida ao coletivo da enfermagem. Eu acho que não é só no campo da formação, mas nas políticas públicas, eu acho que na educação. São campos grandes, dimensões grandes que a História da Enfermagem pode trazer inclusive aspectos legais da nossa profissão, também tem aspectos históricos entrelaçados. Então são muitas as dimensões que a História se envolve, desde a história de vida, a história das instituições, a cultura dos cuidados ao longo dos tempos. E então nós temos tido assim experiências exitosas e os alcances dos desafios tem sido com muita luta para poder também esta entidade criar a sua própria no coletivo da enfermagem. Ser vista, reconhecida e valorizada. Eu acho que ainda falta muito, não é? Temos muito a fazer sobretudo na divulgação da Academia Brasileira de História da Enfermagem junto ao corpo discente, aos alunos de enfermagem do Brasil, inclusive da Escola de Enfermagem da USP e também aos alunos de pós-graduação, eu acho que a disciplina de História na graduação tem sido de uma forma geral, inclusive eu diria até principalmente na Escola de Enfermagem da USP, um conteúdo muito pequeno, muito exíguo e isso a gente sabe não somos ingênuos, parte de um projeto político pedagógico que colocou a História lá no cantinho. Isso como diz a professora Taka desde décadas tem sido assim, mas de qualquer forma é um conteúdo que não foi eliminado em muitas instituições, em outras já foi até eliminado do projeto político pedagógico. Isso é um problema muito importante que também a academia deve enfrentar, a importância desse conteúdo na

formação do enfermeiro e da sua identidade profissional quanto mais nós conhecemos a trajetória histórica, os elementos fundantes da nossa profissão mais consciência nós temos da importância do que fazemos, então isso cabe ao pesquisador, ao professor. Como diz a Taka, eu sempre lembro dessa passagem, ela dizia: “Pra ensinar História precisa ser apaixonada pela História”. E é de fato uma assertiva muito interessante, então as instituições, não importa quais mas que assim o professor que ensina história não é um professor que se encantou ainda por este conteúdo, isso é um desastre, a gente precisaria valorizar mais este conteúdo da história no sentido de formar cidadãos conscientes do trabalho na sociedade como profissionais mas sobretudo com essa visão da sua própria identidade, da sua história que não é dada e não está pronta e nem acabada mas que se constrói a cada instante, a cada momento. Inclusive os desafios de hoje não são os mesmos de ontem nós aprendemos com a História da Enfermagem. As lutas, quantas mulheres e homens também doaram suas vidas, seus tempos, toda uma dedicação para se construir a enfermagem como ela é até hoje uma ciência que está em construção, mas que está em construção de forma coerente, firme, forte e determinada, ou seja, com foco sabendo o que quer, onde quer chegar, mas nós precisamos muito mais ainda. Eu acho que o papel dessa academia, dessa entidade, ele é muito desafiador na sociedade, e então nós precisamos trabalhar em sintonia, eu diria que é outro elemento que é um significado também. Trabalhar em sintonia com outras entidades, então não é trabalhar isoladamente. A Academia Brasileira de História da Enfermagem fazendo o melhor, mas em parceria com outras entidades como a Associação Brasileira de Enfermagem, ABEn nacional, as ABEn's nacionais, eu acho que um último desafio e eu também o tomo como significado seria essa academia começar a ter representações nessas entidades e também nos Estados da Federação. Eu sei que somos poucos ainda e continua, provavelmente, sendo muito poucos nos próximos anos e isso há várias razões, eu digo que há uma certa dicotomia, uma certa contradição, interesse de muita gente e muita gente que tenta assim pagar a anuidade e as vezes não consegue, então a anuidade é uma questão, mas eu acho que a gente tem feito o certo, o estudante não paga, ou então algumas categorias, pensar em categorias que paguem menos no valor da anuidade mas o mais importante agora é focarmos nessa questão da entidade ter mais visibilidade na sociedade e conquistar, angariar novos membros. Assim como agremiados que têm interesse em divulgar a ideia e o papel dessa entidade na vida coletiva.

O senhor falou sobre contribuições da academia. No seu entendimento como a academia tem contribuído para a formação identitária do enfermeiro? Eu acho que a academia somos todos nós e em diferentes pontos. Acredito que a contribuição da academia se dá sobretudo na

formação, e a formação generalista do enfermeiro. Porque os pesquisadores que integram a academia são todos professores, pesquisadores e procuram no dia-a-dia trazer isso no contato com os alunos, da graduação à pós-graduação. Eu acho que a contribuição tem sido na formação e também nos trabalhos acadêmicos de pesquisa e ainda mais nessa articulação, nessa tentativa de articulação, com entidades nacionais e internacionais e, por último a contribuição importante tem sido através das obras. Nós pesquisadores na verdade são produtos de pesquisa muitas em alguns trabalhos de reflexão, então livros, capítulos de livros, palestras, simpósios e congressos na área específica, inclusive os membros da academia porque a academia em si é uma pessoa jurídica né. Mas os membros da academia têm se esforçado anualmente para participar de eventos da área e trazer contribuições tanto no âmbito nacional como no âmbito internacional dessas discussões. Eu lembro aqui, por exemplo, a cada dois anos nós temos um encontro da Federação Ibero Americana de História da Enfermagem, cada vez é num país distinto. Ocorre essas reuniões ao mesmo tempo do Simpósio Ibero Americano de História da Enfermagem que é uma série histórica que vem acontecendo desde 2007 a cada dois anos. E no momento da reunião deste Simpósio ocorre também a confraria, a congregação dos pesquisadores da Federação. Então, o que há, é um espaço de poucos, vamos dizer, de pesquisadores interessados no campo da História, da Sociologia, da Antropologia dos cuidados, e que eles discutem e compartilham, trabalhos nos congressos, orientações de trabalhos, metodologia ... (incompreensível). Trocam experiências e eu acho que essa contribuição da ABRADHENF tem sido fortalecida através dessas parcerias nacionais e internacionais sobretudo com pesquisadores da Espanha, Portugal, México, Argentina, Peru, Chile. Então nós temos tido sim acho que contribuições importantes. Eu digo nós porque somos muito poucos, a gente poderia até dizer quem e o que tem feito ao longo destes anos, alguns mais envolvidos na formação, no ensino, outros mais na pesquisa no mestrado, outros mais no doutorado, mas essa diversidade é que enriquece, contribui com a academia.

Fale sobre os ritos de pertencimento a partir de sua vivência como membro da academia.

Esses ritos de pertencimento são muitos interessantes porque me lembram, me remetem à linguagem litúrgica, eclesial, de ritual, de ritos, e de pertencimento. A gente quando adentra, por exemplo, a uma ordem, uma congregação religiosa há ritos de pertencimento e aí eu vou fazer uma breve analogia para dizer da Academia Brasileira de História da Enfermagem. Eu particularmente quando adentrei à vida religiosa, era bem jovem, aí tinha o postulante e o noviço que era o postulante, o ingressante que pleiteia, mas não se sabe se vai ficar. Ele é o interessado, pleiteante, e aí depois o ingressante que ia fazer a experiência sobre os auspícios,

os olhos dos orientadores, supervisores, para dizer se ele tinha o perfil adequado. E essa forma bem mais próxima com o orientador, o reitor e aí você tinha um período introdutório à vida religiosa. Na academia também, eu acho que é assim, resguardada as diferenças e os propósitos distintos, a Academia Brasileira de História da Enfermagem é uma confraria, uma congregação, não é uma ordem religiosa. É uma entidade civil do mundo civil, do não religioso, mas que ela também tenta angariar, primeiramente, postulantes que são seus estudantes e nós tentamos convidá-los, informá-los, passar informações e convites sobre o trabalho da academia, das aulas, e são muito importantes nesse momento de contatos, de aproximação. Os alunos podem pesquisar sobre as entidades de classe e uma delas que a gente sempre lembra é a Academia Brasileira de História da Enfermagem. Então isso é um postulante, é o primeiro contato para conhecer e reconhecer, se achar e achar importante, e descobrir qual é a importância daquela entidade na minha vida. Contribuição eu posso levar e também trazer em mão dupla, então esse é o postulante. Já aquele que integra, um aluno de pós-graduação, eu já acho que ele é um noviço, ou seja, ele já está integrando a academia como estudante e ele já tem mais conhecimento, mais vivência, uma outra bagagem até pelo seu trânsito, chegar ao mestrado, ao doutorado já requer mais vivência. E se é um aluno de pós-graduação no campo da História, particularmente, então eu acho que ele é um noviço já convertido, ou seja, acredita que essa entidade é importante para sua vida profissional e acadêmica. Porque a academia é assim a gente vai construindo os saberes específicos das suas áreas e vai se tornando na verdade uma referência naquele campo já que o saber é tão amplo, e no caso da Enfermagem não é diferente. Então os ritos de pertencimento, eles começam pelos postulantes e noviços, na Academia Brasileira de História da Enfermagem como eu tentei mostrar através desses simpatizantes que se aproximam ora de um jeito ou de outro, mas eles estão interessados, são simpatizantes à causa. E aí vem um grupo que eu já diria que já são de professos, convertidos, que são aqueles pesquisadores experientes, que estão militando nessa área e são os sócios efetivos, que participam de direito e de voz, de falar e de votar nas assembleias. Então nesse rito de aproximação, de compromisso com a entidade esses são os que mais são ativos. Também temos o sócio que recebe o título de acadêmico, com todo cerimonial e com toda uma liturgia, ritual e, para sua indicação, para sua avaliação seguindo normas regimentais da própria academia, estabeleceu sobre isto e depois de posse como membro acadêmico. Então vamos dizer que esse seria o coroamento de um reconhecimento acadêmico pelo trabalho de pesquisa e pela contribuição, pelo legado que ele deixa ainda em vida. Ele outorga em vida ao coletivo da enfermagem, mas ainda, ele tá ainda militando na área, não tá afastado totalmente. Então esses ritos eles são meio que o batismo, a transição, é a convicção, é a aproximação do interessado,

postulante até a sua entrega total no sentido de contribuir para esse coletivo, essa entidade. E essa contribuição, como eu disse antes, ela se dá de diferentes formas e diferentes momentos. Em alguns momentos você é mais profícuo, participante, produz mais, enfim. A Gente sabe que a academia ele se integra no conjunto da enfermagem, a outra deveria se integrar mais e a enfermagem, ela tem muitas entidades importantes, talvez a dificuldade de ter maior visibilidade entre os profissionais de enfermagem e eu acho também que trazer algo que seja atrativo. Qual é a vantagem de eu ser membro desta academia? Então está se construindo, está se discutindo a questão do ritual mesmo do membro que ingressa na academia, que é o noviço, o ingressante. Então teria que ter algum distintivo e aquele que já fez sua entrega, que está ali, o professor, o convertido a mais tempo. Então eu considero importante esses momentos de passagem, inclusive para ter uma tônica, uma clareza internamente dos membros sobre esse ritual todo. O Fernando Porto, que é uns dos integrantes dessa entidade e a Luciana Luchesi tem sinalizado muito com a questão mesmo, a Almerinda também, da bandeira da academia, do símbolo da academia, algo que realmente mostre esse ritual da entrega, esse ritual de aproximação e esse espaço que se dá também de uma forma também gradativa. Eu acho que o auge desse ritual todo é quando se outorga o título de membro acadêmico mas eu acho que a gente poderia pensar em rituais menores, não menos importantes desde o indivíduo que ingressa na academia para que ele possa ter essa noção da importância da entidade na sua vida e o quanto que ele também como pessoa, como profissional, como ser humano pode trazer para a academia e está para a grande coletividade da enfermagem. Então eu acho que esta pergunta é muito importante porque quando falamos de ritos realmente os ritos remetem à ideia de pertencer, de ter uma identidade própria e aos ritos litúrgicos, por exemplo, a liturgia ela muda conforme o tempo, as cores, a forma, as palavras, então acho que a gente poderia pensar inclusive não só em rituais visuais, indumentárias como nós chamamos, mas também rituais imagéticos, rituais de palavras, por exemplo, as palavras ditas ao membro ingressante, que são as mesmas palavras ditas ao membro acadêmico que é outorgado esse título, então ter todo esse espaço que eu acho que é um espaço nosso de construção nossa, nós estamos ainda construindo. É uma entidade relativamente nova, a academia né, então ainda tem muito a ser feito. Eu acho que esses rituais eles aparecem entre diversas formas, mas o importante é ter a clareza de quais são os rituais, quais são os símbolos que representam esta entidade sejam eles por imagem, sejam eles por palavras, são todos signos importantes e que demarcam a identidade daquele território, seja da pesquisa, seja da história, seja...enfim, e que congregam, que motivam a congregação, a reunião daquelas pessoas, elas têm esse foco e essa direção. O que enriquece bastante na história são os objetos de interesse dos pesquisadores e eles são múltiplos, então a gente vê, por exemplo,

pesquisadores da história que estudam os homens, ou então as mulheres negras e assim há uma diversidade enorme, a história contada através de diversos tipos de fontes. E a gente fica imaginando quanta riqueza que não há atrás das fontes. Então nessa pulverização do que é fonte histórica e do valor das fontes históricas para os estudos na nossa área, a gente vê hoje com as tecnologias, novas tecnologias, que a gente tem muitas possibilidades para avançar, então eu imagino que esse trabalho seu é muito importante porque ele está trabalhando no cerne daquilo que é uma identidade de classe que é definir pra si o que é a sua própria identidade, quais são seus ritos, seus símbolos, seus signos, seus significados internos e transmitir isso para os demais. Então, como uma tônica distintiva no sentido não religioso como eu enfatizei, mas eu apenas lembrei apenas em termos de analogia, mas trazer esses ritos bem presentes, por exemplo, em momentos solenes, num congresso, por exemplo, ou num simpósio da área, trazer as indumentárias da enfermagem e reproduzir aquilo que é discurso da academia e também trabalhar os temas da atualidade, acho que é importantíssimo. Nós não vivemos no passado, nós vivemos o momento presente, mas a história nos leva aos momentos do passado e a gente tem que ser capaz de fazer esta visita através das fontes de forma crítica, lúcida e com todo rigor da metodologia nos estudos históricos, mas o que eu quero dizer é que esses ritos eles invocam também o passado, eles não são só ritos do presente, então se você olha o símbolo da academia nos remete à lembranças da Grécia Antiga, para dizer, são símbolos, são ritos, e isso nos remete. O próprio regimento da academia nos mostra que há várias categorias de membros, essas categorias de membros também tem um rito pra dizer o que é membro ao estudante, o que é membro efetivo, o que é membro acadêmico, enfim, quais são as tônicas, os distintivos entre estas categorias e o quanto isso revela de pertencimento mais ou menos desses membros que estão integrados. Dificilmente alguém entra já como membro acadêmico. Há todo um processo e a própria academia muito séria nesse sentido até para avaliar qual é a contribuição do membro que pleiteia, na verdade, ele não pleiteia, ele é indicado como membro acadêmico, assim se constitui toda uma comissão que vai avaliar se ele teve contribuição, se há bagagem suficiente do ponto de vista acadêmico pra se outorgar a ele o direito de membro desse título e para isso se constitui todo um ritual. Então o ritual ele é de entrega, de posse, de poder, de propriedade no sentido intelectual do termo. Então é um ritual litúrgico mesmo no sentido de se apropriar de conhecimentos, de trocas, de vivências com outros pesquisadores para poder ter clareza em relação à identidade da nossa profissão, a contribuição do campo da história para o conjunto da enfermagem. Dificilmente vai se dizer o contrário que a história não é importante, mas na prática se faz o contrário, ou seja, se coloca nos currículos a História totalmente esquecida ou negligenciada num cantinho com as pessoas que nem sempre são as mais motivadas para fazer

o ensina da História. E na pesquisa é a mesma coisa, aliás o sucesso de uma pesquisa depende muito do envolvimento e do compromisso, da maturidade tanto do pesquisador que é iniciante como de quem o orienta. Então eu acho que as instituições mais sérias deste país que é a Universidade de São Paulo que se propõe a isso, sempre foi nesse perfil da seriedade e da competência técnica, e nós temos pessoas que estão envolvidas nesses rituais, inclusive esses rituais eu acho que não estão prontos também, não estão prontos e acabados. Esses rituais eles estão em constante aprimoramento e apropriação. Então eu lembro, ultimamente, discussões sobre a bandeira, qual é a bandeira, a escolha, os membros da academia se manifestando através das mídias, das redes sociais sobre qual a escolha da cor, dos dizeres da bandeira. Então, é querendo marcar um território, demarcar todo o momento, essa bandeira está presente certamente nos momentos, no ápice das discussões acadêmicas, podem ser nas defesas de teses, nos congressos, nos simpósios, nos colóquios de história da enfermagem para dizer nos momentos que a gente se reúne, congrega, participa e compartilha com os outros esses valores. Então o rito assim como os significados da escolha de pertencimento a uma entidade como a Academia Brasileira de História da Enfermagem estão perpassados pelos valores, primeiro os valores individuais, os valores coletivos que são construídos. Isso é muito dinâmico, o que eu quero dizer é que não estão prontos e acabados, longe disso, então eu não sei como será a academia daqui a dez anos, mas provavelmente pessoas novas. Espera que ela se amplie para o Brasil e isso vai depender muito dos integrantes atuais que estão. Pesquisadores no Centro-Oeste nós temos inclusive uma colega que é de lá professora, do Sudeste, do Norte, do Nordeste, do Sul. Então eu acho que começa por aí esse trabalho de integração e de ampliação, de divulgação do que é a academia, dos seus rituais, e é importante.

Recentemente você foi submetido a um desses ritos de pertencimento que é o rito de posse como membro acadêmico da Academia Brasileira de História da Enfermagem. Eu gostaria que você falasse um pouco desse rito de posse e como ele tem contribuído para o seu processo de formação identitária. Ah, então o meu particularmente foi muito interessante, aí eu posso falar em primeira pessoa porque cada um vivencia do seu jeito. Eu fui indicado pelo professor Fernando Porto a membro acadêmico e foi uma surpresa porque eu não esperava esta indicação e quando eu soube da indicação, foi numa reunião ordinária aqui na USP da academia e foi me dito que eu era um membro, era o pesquisador indicado e enfim, eu não tinha a segurança, a certeza de que era a pessoa mas, sei lá, ser indicada naquele momento, mas fui eu indicado pelo Fernando Porto e acho que deflagrou todo o processo. Integraram a comissão de avaliação de toda minha trajetória acadêmica pessoas fora da Universidade de São Paulo, que

eu achei muito interessante, era pra manter a lisura, a imparcialidade. Essa comissão recebeu todo o meu memorial atualizado, inclusive, porque eu tinha feito professor titular antes da titulação de membro acadêmico da ABRADHENF. Então eu tinha o memorial, acho que atualizado que foi encaminhado para essa comissão, os membros dessa comissão fazem parte desse ritual todo. Se reuniu, discutiu com total isenção. Eu sequer fui contatado para nada, nem pra explicar se houvesse um ponto obscuro memorial, nada. E o resultado dessa avaliação é formal, justificada, há uma justificativa fundamentada da comissão. É onde sinalizava a contribuição que eu poderia ter trazido. Acho que essa comissão foi muito generosa a meu respeito, até agradeço bastante. E na ocasião do terceiro Colóquio de História da Enfermagem realizado em 31 de outubro de 2018 na Escola de Enfermagem da USP houve essa manifestação através da presidência da ABRADHENF, a professora Almerinda, ela trazia o relatório da comissão em assembleia soberana. Então esse ritual era a assembleia e pelo regimento ela é soberana, então ela vota, aprova totalmente ou aprova parcialmente, aprova plenamente o relatório dessa comissão. Então eu sequer podia me manifestar obviamente porque era candidato e foi, também de forma bastante generosa, aprovada minha indicação como membro acadêmico pela assembleia geral da Academia Brasileira de História da Enfermagem naquele dia 31 de outubro de 2018. E no mesmo dia a tarde houve, então, a investidura, que é termo que a academia usa que eu acho que é um termo bem identitário. Inclusive de ritual, que quando fala de investidura a palavra vem de vestimenta, de indumentária, de roupa, então é um termo que, guardada as diferenças, nos remete à liturgia mesmo, a ritual. Então se investe, se coloca, se põe as mãos, ao candidato como se fosse uma ordenação, é ordenado, recebe a ordem. Investir que dizer por para dentro, então a investidura de membro acadêmica com a entrada, ladeado pelos membros acadêmicos que eram dois, o professor Osnir Claudiano da Silva Júnior e a professora Taka Oguisso que é pioneira como membro acadêmico e fundadora a academia. Então esses dois me conduziram à cerimônia de posse de membro acadêmico no auditório Maria Rosa Souza Pinheiro, da Escola de Enfermagem da USP. E foi uma cerimônia muito emblemática e rica de significados porque lá estavam presentes alunos, amigos, pessoas do departamento da Escola, dos departamentos também da Escola e de instituições parceiras sobretudo. O auditório estava repleto e também como era um congresso, era um colóquio de história da enfermagem, haviam membros do grupo de pesquisa, dos diferentes professores que integram a academia, e pessoas que eu sequer conhecia da Bahia, por exemplo, uma pessoa que veio falar comigo para me dizer da alegria de estar naquele momento que era a primeira vez que ela assistia a investidura de um membro acadêmico. Então os significados desse ritual foram extremamente ricos com as palavras do professor Fernando Porto que me indicou, com

a leitura do relatório da comissão julgadora, pela professora Almerinda Moreira que é a presidente atual, era presidente, mas ela foi reconduzida para mais um mandato, então continua nossa presidente. Ela fez a leitura do relatório da comissão e depois a investidura nos termos de colocação de uma medalha própria de membro acadêmico com o símbolo, com toda o significado da Academia Brasileira de Enfermagem, uma medalha da academia. Então a colocação, a investidura, ela consiste também nisso e também, finalizando, as palavras do indicado, empossado como membro acadêmico, então eu tive a oportunidade de agradecer, na verdade só poderia agradecer. Eu acredito que minha contribuição é muito pequena para o coletivo da História da Enfermagem, mas eles consideraram que eu era o membro acadêmico a ser indicado e assim fizeram. Então agradei a todos os presentes e foi uma alegria enorme porque a gente encontra os significados, os valores coletivos da nossa profissão nesse momento como se fosse assim, o coroamento de um trabalho, é um enlace, na verdade a gente tem um enlace do mundo pessoal, acadêmico, familiar, as amizades, mas sobretudo como um pesquisador que está ali procurando de forma séria fazer o que é esperado de um acadêmico. Então eu acho que tentei brevemente trazer, e as imagens que você dispor daquele momento talvez ilustre mais fale mais por si. Inclusive, porque a posição do membro acadêmico na mesa, ou junto à mesa dos que lhe dão posse, então o membro acadêmico fica em uma cadeira a parte para dizer que ele é digno de receber aquela homenagem e depois no momento de entrega da medalha pela presidência da academia a oportunidade de se ouvir a indicação, o relatório das pessoas que avaliaram o mérito da indicação e toda essa passagem que tem um grande fechamento depois com a confraternização que eu acho que é um ponto alto também. A gente tem os momentos acadêmicos e a confraternização que a gente esquece como se fosse algo que já foge a coisa acadêmica, mas não é, acho que a confraternização ela tem também, ela integra isso tudo. É um momento que a gente fica muito mais à vontade, descontraído até para ouvir e falar, e as impressões das pessoas acerca daquelas vivências, então acho que a confraternização integra o ritual todo, então nós tivemos a oportunidade de no dia 31 de outubro ser o dia do aniversário de fundação da Escola de Enfermagem da USP, então coincidência ou não, claro que eu acho que não foi coincidência porque nós arquitetamos, eu digo nós, a presidência da Academia Brasileira de História da Enfermagem, esse momento do aniversário da escola, da investidura do membro acadêmico e também da homenagem que foi feita, isso eu digo em 2018, à professora Taka Oguisso pela sua contribuição à história da enfermagem brasileira, e à enfermagem como uma grande entrega. Eu diria que, a Taka sim tem tido uma contribuição ímpar, inclusive na fundação dessa entidade que é tão importante na vida nacional dos

enfermeiros, dos pesquisadores, eu acredito que cada vez mais nós teremos a importância dessa entidade para o coletivo da enfermagem.

A respeito do seu rito de posse, o senhor ocupou a terceira cadeira da academia. O regimento interno fala que o professor, o indicado acadêmico poderia escolher o nome do vulto que vai nomear a cadeira que ele vai assumir. Como se deu esse processo de escolha do vulto? E também nesse processo de construção do rito de posse, qual sua participação nesse processo de construção desse rito? Eu acho que a minha participação é pequena, porque assim como eu te falei, o processo desde a indicação até a investidura, o indicado ele não, eu fui convidado, quer dizer, me foi solicitada a entrega do memorial no determinado prazo para a comissão. Então essa foi a minha participação e a escolha da homenageada, vamos dizer, da professora, do vulto, eu escolhi a professora Edith de Magalhães Fraenkel por várias razões, eu tinha feito um trabalho com a Taka e uma aluna do doutorado, a Magali, sobre a professora Edith há algum tempo atrás e foi para publicar na revista da Escola de Enfermagem da USP, então aquilo lá nos levou muito a alguns questionamentos na época sobre todo o trabalho, a grande contribuição, o trabalho de persistência, determinação, muito foco da professora Edith nos momentos iniciais da criação dessa escola. A gente imagina o desafio enorme, a gente está falando da academia como uma entidade incipiente imagina uma escola nas décadas de quarenta, uma mulher, não é? E a Edith foi aquela mulher forte que teve todo um investimento cultural dentro e fora do país para ser diretora dessa escola e enfrentou enormes desafios na época inclusive para ser vista e reconhecida, uma carioca, pelos paulistas num universo dominado na área da saúde por homens, médicos, etc, e essa escola então foi se construindo e sendo reconhecida no cenário paulista e brasileiro e trazendo uma contribuição importante. Então a Edith marcou demais esse território mas o que mais me incomodou, e é importante ter dúvidas e também ter desconfortos, não foi nada disso que todo mundo era convicto da importância da Edith para enfermagem brasileira por várias razões eu apenas citei uma coisa muito pequena da passagem da vida da Edith, mas o que mais me incomodou não foi nada disso, foi a questão da saída da Edith, a forma, a maneira como ela saiu da Escola de Enfermagem da USP em 1955, e aí nós tivemos a oportunidade, eu digo nós o grupo de pesquisa de História de Enfermagem nessa escola de levantarmos a massa documental da reitoria que tratava dessa saída da Edith e ficou uma nebulosa mesmo com os relatórios que não se diziam claramente o motivo da saída, mas nós tínhamos elementos através de pessoas, de colegas, vamos dizer assim veteranas e uma delas era Anayde Corrêa de Carvalho que faleceu agora dia 11 de fevereiro que mencionava as reais circunstâncias da saída da Dona Edith dessa escola. Então não

encontrávamos, por isso que é importante na história confrontar fontes. Essa “real” situação, então eu acho que a Edith, no final da vida, da vida acadêmica nessa escola, ela foi muito injustiçada e isso me acalentou uma hora, num momento de dizer isso mas assim dar visibilidade, mostrar a importância de um personagem que marcou a enfermagem brasileira, no Rio e de São Paulo, no Brasil e que foi de fundamental importância para que a enfermagem avançasse, o avanço da enfermagem tem muito a ver com ela, como diz a professora Victoria Secaf, já falecida, a Edith era a pioneira das pioneiras. A Victoria falou isso no livro dela sobre as pioneiras, Enfermeiras Pioneiras do Brasil, então a Edith certamente foi a pioneira das pioneiras eu acho que ela assim era homenagem essa lembrança e eu a escolhi por várias razões mas a mais forte foi esse sentimento de justiça para com ela no momento em que a escola estava sendo a aniversariante do dia 31 de outubro de 2018, e também ela que foi a fundadora da escola. Então, presentes a fundadora da academia, pioneira, a professora Taka como membro número um, acadêmico, e presente, na lembrança, in memoriam, a professora Edith que também foi a fundadora de muitas coisas, não só da Associação Brasileira de Enfermagem, mas também desta escola.

ANEXO 3 - ENTREVISTADO 3

Quais os significados atribuídos à sua escolha para integrar a Academia Brasileira de História da Enfermagem? Quando Taka voltou do CIE (Suíça) e me falou da Academia, me senti parte do projeto e informei a ela que havia feito o registro da primeira tentativa anos 87/88, liderada por D. Maria Rosa de Sousa Pinheiro, onde aconteciam as reuniões, e sua residência na Av. Higienópolis. Acredito que foi para mim uma realização de um sonho interrompido. Lamento estar longe e não ter o respaldo da minha Universidade para poder dar uma colaboração mais efetiva a ABRADHENF. A primeira experiência foi interrompida quando já haviam documentos elaborados. Faziam parte do grupo Taka, Maria José Smidth, Nilce Piva Adami e Lais Helena Ramos, e outras, até o momento em que foi encaminhada ao grupo Nara de Sena, com o objetivo de dissolução do referido grupo.

Fale sobre os ritos de pertencimento a partir de sua vivência como membro da academia?

Minha vivência na Academia tem sentido de pertencer, colaborar como uma necessidade de participar positivamente em mais uma luta com as forças políticas em combate às forças negativas existentes na classe. Apesar da distância tenho procurado participar da maneira que me é possível.

ANEXO 4 - ENTREVISTADO 4

Quais os significados atribuídos para integrar a Academia Brasileira de História da Enfermagem? A academia me parece que ela é uma ideia já bastante antiga que vinha sendo acalentada por alguns colegas nossos, a professora Taka Oguisso liderando esse grupo e apesar de outras tentativas ela não conseguiu ser operacionalizada anos atrás. Quando foi próximo de 2010, a gente já vinha trabalhando juntos, o grupo São Paulo-Rio se aproximou bastante e a gente vinha trabalhando e tivemos a ideia de tornar a academia uma realidade, na verdade um pouquinho antes, e agente então resolveu que ia aproveitar o ano de 2010 que era o aniversário de cem anos de morte da Florence para fazer isso numa data emblemática, e assim foi. Resolvemos então formar a academia. E por que a academia em si, não é? A gente queria algo que não fosse uma associação, não fosse outras entidades que já existem na enfermagem, mas uma academia científica ligada ao tema da história da enfermagem, não uma academia de enfermagem como num todo. E assim foi, o grupo se reuniu e a sua pergunta é quais as perspectivas, quais os significados. Então é exatamente esse de tentar unir os nossos talentos e desejos pessoais de criar uma entidade ligada à história da enfermagem e que não fosse uma associação mas uma academia científica de história da enfermagem uma vez que quase todos nós ali já militávamos na área do ensino e da pesquisa em história da enfermagem e do interesse também como profissionais. E a academia por que uma academia? Acho que um pouco também por conta da pompa e circunstância de uma academia científica e distinta das outras entidades que já existiam. Então é o significado mesmo de uma entidade científica que colabora com o desenvolvimento da história da enfermagem como conhecimento e como área de interesse para um grupo de profissionais que a fundou e que acabaram se tornando membros da academia e de outros que possam se interessar e de nós se aproximar.

A academia é composta por vários micro rituais que compõem o seu todo enquanto academia e gostaria que você me falasse sobre esses ritos de pertencimento a partir de sua vivência enquanto membro da academia. Eu já presenciei alguns e a gente na verdade também participou da criação de alguns, como uma academia científica ou como uma academia dessas culturais também, a gente tem umas cerimônias e uns rituais, a gente faz reuniões de trabalho, anuais, e que sempre têm uma parte administrativa que tem que ser feita, e sempre também uma parte científica. Então, composta de um encontro com apresentação de trabalhos, conferências, discussões com produto dos relatórios de cada grupo que compõem. Eu, na gestão passada, estava na comissão de educação e então fiz um estudo sobre a história da enfermagem

numa nova proposta que está sendo encaminhada de diretrizes curriculares para o curso de graduação. Então esse já é um ritual mais parecido com os ritos científicos que a gente tem nos congressos, nas cerimônias, nos eventos científicos, esse é muito mais parecido. A gente tem também algo que aí é mais particular que são as cerimônias de posse dos acadêmicos, essas sim elas têm umas particularidades, as propostas para a própria candidatura são feitas por uma propositura de outros membros, quer dizer, os acadêmicos eles até o momento não se candidataram mas eles foram propostos, indicados nas assembleias, nas reuniões. Então, e aí tem o seu currículo analisado e pontuado de acordo com instrumentos que foram criados pela academia, e uma vez aprovada a sua nomeação como acadêmico a gente vai fazer então uma cerimônia de posse e é realmente de uma entronização bem ritualística. Há também a escolha do titular das cadeiras que estão sendo compostas, a gente tem até o momento três professores pesquisadores nomeados como acadêmico e também a escolha de um patrono ou patronesse para a cadeira, nomeá-la e ser ocupada por quem está no momento exercendo. E dar um caráter também ritualístico ao conhecimento como uma academia, como existem outras também, não é? E a gente acreditou, segue acreditando inclusive, que a enfermagem merece esse tipo de ritualística, de colocação no mundo científico porque o mundo científico ele também tem os seus luxos, não é? Como as cerimônias de posse de reitor, de professor titular, enfim, tem uma ritualística própria do mundo acadêmico e das academias ligadas ou não às universidades e que a gente também quis desfrutar e criar para a enfermagem através da Academia Brasileira de História da Enfermagem.

Você passou por esse rito e eu gostaria de saber a sua percepção sobre esse momento. O rito ele é muito importante nas nossas vidas como um todo, não é? Nossa vida é cheia de pequenos rituais mais simples ou mais elaborados, mas eles fazem parte das nossas vidas sim. Por isso que a gente comemora aniversário, faz cerimônias fúnebres, faz cerimônias de posse, de júbilo, elas são importantes para nossa vida, elas demarcam situações para nós, não é? E o crescimento da academia, uma das suas possibilidades de visibilidade se dá através dos ritos, eles não são originais nossos. Nós nos espelhamos em alguns outros e estamos dando um tipo de particularidade. Para a gente que tem o nosso trabalho reconhecido por um grupo de pessoas que por mais que sejam nossos colegas que a gente já conhece há alguns anos, mas existem critérios que são aplicados, é sempre muito bom a gente ter o nosso trabalho valorizado e ser visto por outros, não é? Quando a gente quis fazer isto com a História da Enfermagem, de certa maneira a gente estava pensando em ajudar a tirá-la de uma condição em que ela ficou a muito tempo, aquela coisa que fazem os professores mais velhinhos que tão próximo de aposentar

então vão estudar a história da enfermagem que já é a sua despedida da carreira. Nós ainda somos profissionais, metade de carreira, que já temos alguma coisa acumulada nas nossas produções e nos reunimos para dar essa continuidade, a gente espera que a academia sobreviva a nós, a gente ainda não se chama de imortais como os da Academia Brasileira de Letras ou de Ciências. Não nos chamamos assim, mas a gente gostaria de com isso iniciar uma tradição na enfermagem de ter pessoas reunidas do ponto de vista científico e também do ponto de vista ritualístico como se dá na posse da academia.

Na sua percepção professor qual o impacto de todo esse processo no sentido de alguma forma contribuir para formação identitária dessa categoria. Eu acredito que sim primeiro pelo trabalho acadêmico ele é o primeiro de todos. Então é preciso produzir, é preciso divulgar os nossos trabalhos, é preciso comparecer aos congressos, é preciso cultivar a história da enfermagem como área de conhecimento entre nós na enfermagem. Em segundo aspecto é de dar visibilidade dessa maneira ritualística, então acredito que ela contribui sim, ela dá visibilidade e por isso a gente tem à semelhança dos professores titulares das universidades, embora seja um ritual medieval eles continuam acontecendo, não é? Os rituais de formatura são adaptados de rituais antiquíssimos e eles continuam, eles colaboram com uma visibilidade positiva. Dessas ações na sociedade em que a gente vive e também assim a gente pensa na relação à história da enfermagem. Constituir a academia para nós é algo que a gente valoriza e se esforça para que ela continue viva e as conexões que a gente fez com exterior, com uma academia, uma Federação Ibero Americana, ou seja, já reunindo academias semelhantes de países ibero americanos, eventos internacionais e quando você se apresenta além de um pesquisador, de um professor, também como acadêmico, isso tem um impacto positivo nas pessoas que estão ligadas a esse tipo de conhecimento e de cultura institucional como são as academias. Então a gente acredita sim, o impacto na minha vida foi muito bacana, muito positiva. É ter algumas das minhas coisas valorizadas aqui e eu ainda posso desfrutar delas.

ANEXO 5 - ENTREVISTADO 5

Quais os significados atribuídos à sua escolha para integrar a Academia Brasileira de História da Enfermagem? Inicialmente é preciso esclarecer que a ideia de criar uma entidade, instituição ou Academia de Enfermagem surgiu na cabeça de Amália Correa de Carvalho, no início da década de 1980, que havia sugerido mesmo que fosse academia, porque associação ou ABEn já existia desde 1926, os sindicatos e a Federação de Enfermeiros também estavam criados, assim como o órgão de fiscalização ou conselhos, federal e regionais de enfermagem. Faltava, pois, uma academia. Como criar uma academia brasileira de enfermagem, nos moldes da americana (American Academy of Nursing) sem o consenso, interesse e apoio dos líderes da profissão na época, isto é, os existentes no Cofen e Corens, na ABEn com as Seções Estaduais, na Federação de Enfermeiros e respectivos sindicatos existentes? Consultar a todos demandaria uma enormidade de tempo e, certamente, seria muito difícil chegar a um consenso. Naquela época, Amália (docente da EEUSP) sugeriu a Taka que criasse uma pequena comissão para escrever o estatuto. Assim a comissão foi constituída por Maria Jose Schmidt, Lore Cecilia Marx, Hyeda Maria da Gama Rigaud, Victoria Secaf, Nara Sena de Paula e Taka Oguisso que consultaram Dona Maria Rosa Pinheiro, ex-diretora da EEUSP, para ajudar essa comissão na tarefa de escrever o estatuto. Mas, era necessário definir se seria uma entidade nacional ou regional. Inicialmente, foi pensado em um órgão regional, com sede em São Paulo, logo descartado por diversos outros profissionais consultados. (Veja no livro *A saga de um patriarca guerreiro*, p. 126, uma pequena história da criação da Academia.) Assim, o tema academia acabou hibernado por quase três décadas, pois Taka viajou para fazer pós-doutorado nos Estados Unidos por um ano (1985-86), e logo ao regressar em 1987, partiu para trabalhar em Genebra, Suíça, no Conselho Internacional de Enfermeiras (ICN, da sigla em inglês), retornando somente em dezembro de 1997. Reassumiu sua função docente na área de História e Legislação da Enfermagem, a partir de 1998. Em outubro de 2007, por ocasião do aniversário da EEUSP foi organizado o 1º Simpósio Ibero-americano de História da Enfermagem quando esse tema voltou revigorado juntamente com a ideia de formar uma academia. Portanto, a ideia de criar uma academia, partiu da cabeça de uma docente da EEUSP, em 1980, e sua concretização décadas depois da Academia Brasileira de História da Enfermagem foi decorrência da necessidade sentida de se ter uma entidade específica para aprofundar estudos e pesquisas e “promover a educação de enfermeiros e do público, em geral, com relação à história e ao legado da profissão da enfermagem” como referem seus objetivos estatutários (art. 2º).

Sem dúvida, sem conhecer bem o passado, é difícil compreender o presente e planejar um futuro melhor para a própria profissão. Portanto, a ideia original de criar uma entidade como a academia, em âmbito nacional, dentro de uma especialidade básica e fundamental para a construção da identidade profissional foi a forma encontrada para se consolidar tal especialidade. Por isso, integrar a Academia Brasileira de História da Enfermagem desde o seu início não foi uma mera escolha, mas decisão de suma importância, por estar ligada a essa temática desde o começo do trabalho na EEUSP, portanto muito antes da origem da ABRADHENSF. Na verdade, o interesse e o gosto pela história da Enfermagem começou já desde os tempos do curso de graduação, na Cruz Vermelha Brasileira. A História da Enfermagem representa o começo, o meio e o fim da profissão. É assunto apaixonante, era tema de predileção de Amália Carvalho, minha mentora, incentivadora e amiga incondicional.

A senhora mencionou que não havia nenhum rito especial para admissão de membros para a Academia. Posteriormente, em 2016, foi elaborado o Regimento Interno disciplinando como seria o processo de transição de membro efetivo para membro acadêmico. Eu gostaria de saber senhora como foi esse processo de escolha dos critérios estipulados pela Academia, na pessoa de seus membros? Veja o Estatuto da ABRADHENSF sobre as categorias de membros: efetivos, honorários e acadêmicos. Ritos, no meu entender são atos cerimoniais para comprovar ou confirmar uma decisão. Antigamente, havia “ritos de passagem” de adolescente para adulto, por ex, em que o jovem deveria provar sua capacidade como adulto, ou a própria sociedade aplicava certas regras, restrições ou castigo físico para provar sua maturidade e resistência. No caso da ABRADHENSF não existe rito específico. A própria entidade pode indicar o nome de alguém para ser membro honorário ou acadêmico, ou o profissional pode se candidatar, conforme previsto no art. 4º, parágrafo 3º. No meu caso, fui indicada pelo Dr. Fernando Porto, durante uma assembleia, que ao indicar, considerou esse artigo e parágrafo. Eu jamais iria me candidatar, mesmo porque, na ocasião eu era presidente da ABRADHENSF. Não apoiei nem votei a proposta e manifestei ser contrária até pelo cargo que ocupava naquele momento. Mas fui voto vencido. Assim, poderiam ser considerados como ritos de pertencimento a continuidade com estudos e pesquisas sobre História da Enfermagem, a participação ativa no Grupo de Pesquisa e as publicações de artigos em revistas indexadas e de livros sobre a temática, mesmo depois de aposentada da USP. Para mim, não houve nem senti nenhum processo de transição entre ser membro efetivo e depois acadêmico. Continuo a pagar a anuidade da ABRADHENSF e a participar de eventos normalmente como já fazia antes.

A senhora mencionou que o Decreto 16300 de 31.12.1923 determinava que a direção da Escola de Enfermeiras criada na época ficaria subordinada à direção de enfermeiras americanas. Eu gostaria de saber da senhora qual sua percepção a respeito deste período em que enfermeiras americanas administravam escola de enfermagem no Brasil e quais seus reflexos sobre a processo de formação identitária da enfermagem brasileira? Sobre as americanas ocuparem cargo de diretora da Escola do DNSP, diria que não havia na época nenhuma enfermeira brasileira qualificada que pudesse ocupar tal cargo. Logo que se formou a primeira turma, em 1925, diria que uma enfermeira recém-formada não teria autoridade nem conhecimento ou experiência para assumir tal cargo. Por isso, foi muito bom que as enfermeiras americanas que estavam presentes pudessem assumir enquanto as brasileiras se preparavam. Na verdade, enfermeiras brasileiras tiveram que se preparar arduamente para assumir tal encargo. Muitas delas tiveram que se preparar (estudando inglês) para poderem fazer cursos de pós-graduação no exterior e se capacitarem efetivamente para assumirem essas funções, dentro dos padrões exigidos na época. A primeira brasileira a assumir a direção da EE do DNSP foi Lays Netto dos Reis, mas já na década de 1930. De fato, a enfermagem moderna ou *nightingaleana* foi implantada no Brasil graças à Fundação Rockefeller que patrocinou a vinda de profissionais americanas competentes. Não há como negar isso. Não tivéssemos essa ajuda/apoio das americanas o processo de formação de enfermeiras brasileiras seria completamente outro. Veja ex da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, que foi fundado em 1890, mas o curso de enfermagem era totalmente ministrado apenas por médicos, até a enfermeira Maria Pamphiro, formada pela EE Anna Nery, assumir a direção em dezembro de 1942. Portanto, a questão identitária da Enfermagem brasileira continua ainda em construção.

Fale sobre os ritos de pertencimento a partir de sua vivência como membro da academia?

Na verdade, não existe no Estatuto da ABRADHENF nenhum rito especial para admissão de membros para a Academia. Bastaria manifestar o interesse em participar e cumprir o Estatuto, pois nem todos têm vocação para liderança, mas todos podem e devem dedicar-se a fazer o melhor possível para o crescimento da profissão na sociedade e seu reconhecimento e valorização. Para isso, o conhecimento da história da profissão ajuda a formar juízos e a dar argumentos fáticos mais contundentes para uma discussão. O tema História da Enfermagem entrou formalmente no currículo de ensino de enfermagem em 1923 (Decreto nº 16.300, de 31-12-1923) com a aprovação do regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública. No art. 393 estipulava-se a criação de uma Escola de Enfermeiras que ficaria subordinada à direção de enfermeiras americanas, contratadas por meio da Fundação Rockefeller, uma vez que não

havia ainda (em 1923) enfermeiras brasileiras qualificadas para a função. O programa de ensino, de acordo com esse Decreto acima previa a disciplina intitulada “Bases históricas, éticas e sociais da arte de enfermeira”. Regulamentações sucessivas sobre ensino de enfermagem sempre mantiveram claramente enunciadas a temática sobre História da Enfermagem, como a Lei nº 775, de 06-08-1949 e seu Decreto regulamentador, Decreto nº 27.426, de 14-11-1949. Assim, essa temática tem permanecido sempre nos programas dos cursos de enfermagem de forma clara e explícita na legislação brasileira. Apenas no final do século XX, os currículos mínimos passaram a citar uma disciplina sobre Introdução à Enfermagem que pode incluir esses aspectos históricos, mas sem definição de carga horária específica, e deixa a cargo das escolas de enfermagem essa definição. Mas, é importante lembrar que a primeira tese de cátedra de enfermagem, defendida no Brasil, por Gleite de Alcântara, ainda no início da década de 1960, versou sobre História da Enfermagem. Assim, fortalecer os estudos sobre Enfermagem no seu campo histórico constitui uma forma de conhecer melhor a sua própria profissão e as dimensões alcançadas pelas suas pesquisas, assim como para compreender as lutas e os desafios enfrentados pelas grandes líderes e pioneiras da enfermagem profissional brasileira. Sim, para amar verdadeiramente uma profissão é imprescindível conhecer de maneira profunda a sua trajetória histórica, seus personagens, desafios e lutas até a conquista do resultado pretendido, almejado ou possível, pois nem sempre foi, ou é possível atingir uma meta planejada. “Não se ama o que não se conhece” diz um ditado popular. É verdade, é preciso estudar muito para conhecer as numerosas vertentes da história para melhor compreender e para gostar mesmo de tudo o que se faz em História da Enfermagem. E quanto mais se conhece, mais se ama essa profissão cheia de desafios cotidianos, de líderes e pioneiros dedicados, de profissionais anônimos que mitigam sofrimentos humanos no seu afazer diário nas instituições de saúde. Não há dúvida de que é por via da História da Enfermagem que se instrumentaliza o futuro profissional a conhecer sua profissão e a saber argumentar para o maior engrandecimento ético, técnico e humano da Enfermagem.

ANEXO 6 - ENTREVISTADO 6

Quais os significados atribuídos à sua escolha para integrar a Academia Brasileira de História da Enfermagem? Tem muitas datas envolvidas né. Eu fiz um levantamento, eu acho que isso pode até contribuir para o seu trabalho porque eu tenho bastante documentação, tenho algumas coisas de eventos por exemplo que eu organizei, então eu fiz esse levantamento até para te ajudar depois com a cronologia. O meu envolvimento com a Academia ele está muito direcionado, está muito relacionado com a minha parceria de pesquisa com a UNIRIO. Desde 2006 que tem essa parceria minha com professores da UNIRIO. Inicialmente começou com professor Wellington Mendonça de Amorim, nós começamos a fazer trabalhos. Esse encontro se deu por conta da semana Glete que era um evento, que eu organizava aqui em Ribeirão Preto, de História de Enfermagem porque até então eu não tinha contato com eles e aí ele veio para palestrar em alguns eventos e começou essa parceria muito próxima. E aí essa parceria também com professor Osnir, posteriormente com professor Fernando que tem sido meu parceiro de pesquisas mais próximo no momento e isso acabou tendo uma aproximação também com a professora Taka e com professor Genival em São Paulo. Então essas parcerias na verdade que acabaram culminando com o convite para que eu fosse um membro fundador e tivesse compondo a primeira diretoria da ABRADHENF. Então assim pra mim foi uma alegria muito grande e ao mesmo tempo assim uma responsabilidade. Eu ainda fiquei preocupada porque uma academia espera-se que os pesquisadores sejam realmente referências nacionais, enfim, então tinha uma responsabilidade no desenvolvimento de pesquisa grandes e de trabalhos junto a academia. Então teve este convite, talvez eu não tivesse a audácia de ter me candidatado, mas ouve aí o convite da professora Taka que foi a grande organizadora da academia e eu inicio então na academia como membro fundador e diretora de assuntos científicos culturais em 2010. E nesse período que eu fiquei que é a primeira gestão, por questões administrativas e por questões de fortalecimento da academia pensou-se em manter a primeira gestão, que foi de 2010 a 2012. A ideia era que todos permanecessem nos mesmos cargos, então eu fiquei de 2010 a 2014 como diretora de assuntos científicos culturais. Nesse período eu colaborei com eventos científicos que era a minha função, na organização de eventos científicos e também no desenvolvimento da página da ABRADHENF. A primeira página que a gente teve foi desenvolvida pelo meu irmão, gratuitamente, que é da área de TI, e aí eu tive que aprender a fazer código HTML porque eu que fazia a sustentação do site. Inicialmente era eu, porque era minha responsabilidade, na época, e aí eu tive que aprender um pouquinho de código HTML,

coisas de TI que eu nunca imaginava que eu ia precisar aprender na minha vida. Porque esse foi o início da academia e ainda é um pouco assim, nós temos que assumir as responsabilidades administrativas dos nossos eventos, das nossas atividades. A gente não tem uma estrutura em que a gente contrate profissionais pra isso ainda. Agora na segunda versão do site da academia a gente teve que fazer uma modernização, aí sim a gente teve uma estrutura para contratar um profissional da área, e aí a gente migrou todas as informações, deixou o site mais moderno. E agora o professor Fernando Porto que é o diretor de assuntos de comunicação, de divulgação da ABRADHENF, ele e eu que somos responsáveis pela alimentação. E aí nesse período a gente fez também, uma ideia do Fernando, de ter também o facebook para que a gente tivesse uma comunicação mais próxima do público jovem, até como meio de comunicação muito eficaz nos dias de hoje. As redes sociais não poderiam estar ausentes da academia, não é? Então nesses primeiros dois períodos a gente teve bastante trabalho, muita coisa foi feita para deslanchar a academia, para que ela tivesse visibilidade, os próprios eventos, participação. A academia se filiou também à Fundação Ibero Americana de História da Enfermagem, então assim, eu acho que isso só foi crescendo né, eu acho que a minha dedicação dentro da ABRADHENF, a minha alegria de fazer parte desse grupo, eu acho que é uma forma da gente levar a história da enfermagem de uma forma mais visível para nossa comunidade acadêmica que eu acho que isso ainda é um problema. A nossa área ainda não tem a valorização de outras áreas principalmente das clínicas. Fapesp, CAPS, CNPQ muitas vezes direcionam mais financiamento. Às vezes nós temos dificuldade inclusive pro entendimento de pares às vezes, da importância do trabalho que a gente faz, então assim eu acho que não só estar dentro de uma sociedade, a academia em si ela é um espaço de luta, de luta simbólica, de luta pela valorização da profissão, então eu acho que o significado para mim de estar dentro da academia é um significado de luta pela enfermagem, não só pela história da enfermagem, eu acho que a partir do momento que a gente pesquisa a história, a gente defende a história, a gente está defendendo a nossa profissão, a gente está contribuindo para a valorização dela. Então acho que esse é o principal significado e isso me move muito, acho que é um trabalho quase ativista que a gente faz aí dentro da academia. Em 2014 houve um convite para o professor Fernando Porto, houve toda uma sondagem em cima do professor Fernando para que ele viesse como presidente da academia e aí ele me fez o convite de vir como vice. E aí inicialmente eu falei para ele: “cê tá maluco! Como assim como primeira vice-presidente?” E eu falava assim “tem que ter muita publicação eu estou meio nova ainda, como é que faz isso?” Ele: “não você tem muita disponibilidade, você tem trabalhado bastante, eu acho que vai ser interessante.” E aí ele me incentivou a acolher esse desafio e eu fiquei como primeira vice-presidente 2014-2016 com a presidência do professor Fernando

Porto. Depois, 2016 o professor Fernando Porto tinha, não sei outras atividades, enfim, ele pede para não dar continuidade na presidência e aí 2016 entra a professora Almerinda Moreira e eu me dispus a continuar no cargo que para mim era um, eu já tinha experiência, achei interessante essa coisa da militância dentro da academia. E eu estou até o momento, então de 2014 até 2020 eu sou a primeira vice-presidente da academia. Eu acho que o significado também para mim hoje é de muita responsabilidade, é de dar visibilidade para essa academia, para história da enfermagem, e uma militância pessoal minha também que é a questão do ensino de história da enfermagem que eu acho que ele está muito atrelado à pesquisa. A gente precisa fazer pesquisa, o produto dessa pesquisa precisa entrar na sala de aula. Essa é uma das minhas bandeiras de defesa é por isso que eu fiz a proposta de um evento de ensino de história da enfermagem. A ABRADHENF comprou a ideia, eu pedi, falei assim: “gente vem a ABRADHENF junto com o laboratório, vamos fazer o evento”. E estou muito feliz assim, é muito trabalhoso, é ter um dispêndio de tempo importante e muitas vezes esse tempo é fora do tempo da academia que a gente tem aqui na universidade então é um tempo de disponibilização que você faz extra aos trabalhos que você já tem então é preciso dedicação, é preciso acreditar que isso vai fazer diferença para a enfermagem e trazer aí as nossas qualidades, as nossas habilidades para academia, para somar. E acho isso importante trazer essa soma de diferentes pessoas, diferentes locais, eu acho que isso só tem a acrescentar para a academia.

A academia ela é composta de micros-rituais assim como qualquer outra instituição e eu gostaria de saber de você sobre estes ritos de pertencimento, qual tua visão destes ritos de pertencimento a partir de sua vivência como membro da academia, o quão eles podem estar relacionados à construção de uma identidade profissional. Eu acho assim sempre que a gente, a gente tem alguns trabalhos feitos na linha de rito né, o professor Fernando é sem dúvida uma liderança nessa área e a gente fez alguns trabalhos em conjunto mas o rito ele tá muito atrelado a uma ideia de ordem, a uma ideia de cerimonial né, e existe aí o Segalem que é um autor muito importante nessa linha né, ele vai falar que a questão do cerimonial e dos rituais eles acabam se articulando um pouco né, e eu acho que os ritos da ABRADHENF tão muito relacionados com os ritos solenes mesmo né, porque o rito pra ser um rito ele tem que ter um ato formal, ele tem que ter né, o Segalem fala de uma linguagem própria, tem que ter os signos. Basicamente uma intenção de construir algo em grupo né. Então eu acho que, por exemplo eu consigo observar dois ritos principais dentro da academia. E acho que um talvez saia um pouco da definição de rito que seriam os nossos eventos científicos mas eu acho que eles pontuam espaços importantes na academia né, e eles muitas vezes se assemelham com cerimoniais

porque eles têm toda a questão do próprio cerimonial que a gente fala da apresentação das pessoas, da composição das mesas, do símbolo da lâmpada da enfermagem presente, então tem uma série de símbolos que estão relacionados que mesmo agora a gente tá fazendo, a professora Almerinda está sugerindo a confecção de uma bandeira da ABRADHENF para que ela seja um símbolo presente nos próximos eventos, então, e a gente tem a sessão solene de investidura do acadêmico. Então eu acredito que estes sejam os dois principais momentos onde a gente tem esses micro rituais que você tá questionando né. Então, por exemplo, eu fiz um levantamento até pra ajudar, o primeiro evento que foi organizado pela academia que salvo engano agora tem até o CD, todos os CD's que a gente tinha eu coloquei no site da ABRADHENF disponível mas esse primeiro Colóquio a parte de CD ROM, de organização, teve muito trabalho meu, na época era o professor Paulo Fernandes, não me lembro o nome completo agora mas era o Paulo ele estava na diretoria da ABRADHENF mas ele não está mais e a professora Taka também. Foi um evento em São Paulo que foi o primeiro Colóquio de História da Enfermagem que teve como subtítulo "História da Enfermagem: corpo, cuidado e ambiente". Foi no dia 07 de novembro de 2011. Aconteceu no CAPE do Coren aí em São Paulo. E a ideia era que o evento fosse bianual, a cada dois anos, então mas assim isso acabou não acontecendo às vezes pela conformação da diretoria da academia, ou às vezes a necessidade de fazer um evento anterior aos dois anos, então isso, essa primeira ideia de que ele acontecesse a cada dois anos, até porque você fazer um evento de médio porte ou pequeno porte, porque nossos eventos até o momento foram de pequeno a médio porte eu diria né. A gente teve uma média de cem, cento e cinquenta pessoas presentes, e aí nós realizamos o segundo Colóquio que foi em 2013, que foi o Colóquio de História da Enfermagem e aí foi feito uma parceria com meu grupo de pesquisa então ficou como o segundo Colóquio de História da Enfermagem e primeiro Simpósio do Laboratório de Estudos em História da Enfermagem aqui de Ribeirão, aconteceu aqui em Ribeirão nos dias 06 e 07 de dezembro de 2013. Então, teoricamente nosso próximo Colóquio seria em 2015, mas ele aconteceu em 2014 porque houve um convite do Munean que é um museu de enfermagem brasileira lá de Salvador. Eles queriam fazer um evento que foi o primeiro Simpósio de História da Enfermagem do Munean e terceiro Colóquio da ABRADHENF, então foi um convite feito, a parceria foi feita né, e nós fomos, a academia foi basicamente toda pra Salvador pra esse evento em 2014 e aí nós ficamos um período, por exemplo, depois posteriormente o Munean fez mais um Simpósio mas aí não houve uma parceria, por exemplo, não houve o nome da academia, mas a academia apoiou, então não foi um evento da academia mas houve apoio, e nisso de apoiar outros eventos a gente ficou sem fazer o nosso Colóquio até 2018 que foi o ano passado em São Paulo que foi o quarto Colóquio de História da Enfermagem no dia 31 de

outubro na Escola de Enfermagem de São Paulo e a organização ficou sob responsabilidade da professora Cláudia Dantas e ela fez as parcerias com a EEUSP porque a ideia era conciliar o nosso evento com o aniversário da Escola de Enfermagem da EEUSP. Então assim, os nossos eventos e agora novamente se quebra um pouco a ideia de a cada dois anos porque 2019 vai completar dez anos do Laboratório de História da Enfermagem, de Estudos de História da Enfermagem aqui de Ribeirão Preto. Eu ia fazer esse evento, era algo que já estava decidido, mas aí eu pedi a parceria da academia pra ela vir junto no evento então a gente vai ter o quinto Colóquio de História da Enfermagem agora em Ribeirão Preto. Eu acho que os nosso Colóquios eles seguem uma dinâmica um pouco parecida, nós temos as palestras, nós temos um momento para reunião da ABRADHENF que são reuniões administrativas, que são feitas dentro deste espaço. Eu acho que de todos estes eventos o que a gente teve mais público foi o de 2013 porque aí eu entro já no segundo ponto porque o de 2013 ele integrou a primeira sessão solene de investidura que foi como acadêmica que foi a professora Taka Oguisso entre esses dias seis e sete de dezembro. Então alguns dos nossos eventos eles conjuntamente é feita sessão solene de investidura, mas aí eu acho que a sessão solene é um rito à parte. Porque os nossos eventos geralmente a gente tem as palestras, um convidado, geralmente um tema central do evento, nós temos quase sempre apresentação de trabalhos, de pôsters, mas recentemente, 2018, a gente criou o prêmio Taka Oguisso que é o melhor trabalho apresentado por membros da academia. Então ele é um prêmio específico para quem é membro da academia. Algumas pessoas falam: “ah, mas precisa ser membro da academia”. Bom, mas o Congresso Brasileiro de Enfermagem você tem que ser abenista para encaminhamento de trabalhos para prêmio, então isso já é uma prática que vem acontecendo em outras sociedades, não é nada novo. A diferença para esse ano é que o laboratório a gente criou o prêmio Lavínia Dock, que foi uma enfermeira importante americana que o livro de História da Enfermagem dela foi base para o ensino de história da enfermagem por muito tempo e ainda é uma obra de referência para nós até hoje, um clássico, e aí esse prêmio não vai precisar ser membro da academia mas é específico para estudos na área de ensino de história da enfermagem. Então eu acho que do evento em si é isso, as palestras, as apresentações de trabalhos, agora os prêmios que estão sendo instituídos, a reunião da Abradhenf e quando existem os candidatos avaliados a gente tem a cerimônia, a sessão solene de investidura. Eu acho que do evento é isso, então o evento a gente sempre busca ter a cerimônia da lâmpada que é um rito também importante dentro do evento. E da cerimônia de investidura, especificamente, ela tem um pouco mais de cerimonial envolvido. O primeiro foi aqui em Ribeirão Preto e a organização do evento estava sob a minha responsabilidade aqui em Ribeirão. E aí para a cerimônia eu quis que tivesse todo um diferencial para que as pessoas que

não fosse da academia, ou mesmo aqui da casa sentissem essa questão do ritual, da importância desse ritual, mas que fosse algo marcante. Então nós tivemos a ideia das becas, do uso do traje talar oficial para essa atividade. Eu quis que houvesse uma cadeira especial para a acadêmica que são essas cadeiras que os formandos tiram foto, que tem toda talhada, toda desenhada para a gente ter uma questão das instituições antigas mesmo e remetendo a essas instituições centenárias e os seus rituais também. E aí no caso da professora Taka a gente não tinha ainda instituído os símbolos específicos dos acadêmicos. E aí a gente pensou o acadêmico ele teria que ter um símbolo diferenciado, e aí a gente fez várias discussões no grupo dos membros da ABRADHENF por e-mail, fizemos várias e várias discussões e no final a gente concluiu que seria interessante uma réplica da capa da Escola de Florence Nightingale semelhante também à que foi utilizada pela EEUSP. A EEUSP chegou a utilizar que é a capa azul, ela é azul por fora e vermelho por dentro. A ideia foi essa, a professora Taka ela fez a solicitação para o desenvolvimento dessa capa e para primeira investidura pelo menos para o gênero feminino ficou determinado isso, que seria toda a cerimônia com traje talar. A primeira cerimônia de investidura que nós tivemos a gente ainda não tinha um protocolo estabelecido, então não foi uma avaliação curricular, foi uma indicação de todos os membros da ABRADHENF numa reunião. Foi indicado, foi aclamado o nome da professora Taka Oguisso. Então a nossa primeira acadêmica nós ainda não tínhamos estabelecido as normativas para o acadêmico, foi uma coisa posterior que foi realizado. Então nesse dia como não havia um cerimonial próprio todos os membros da diretoria falaram sobre a acadêmica. A professora Taka apresentou a sua homenageada, o nome da sua cadeira, fez uma breve apresentação. Todos os membros tiveram voz para falar, para tecer comentários sobre a nossa acadêmica. Na sequência foi colocada essa necessidade, estava incluso no nosso estatuto que precisava ser desenvolvido e aí foi feita uma comissão interna da academia, a gente trabalhou muito via Skype, a gente utilizou muito o Apear. Eu acho que isso talvez esteja em ata, mas eu me lembro, eu, Fernando Porto, eu acho que Tadeu da Bahia, Tânia, acho que mais algumas pessoas depois nós passamos esse documento para todos para últimos questionamentos. A partir de então o candidato deveria ser indicado, ele apresentaria o seu memorial, a proposta para o nome de sua cadeira e aí haveria uma comissão de três membros para avaliar a pontuação deste memorial e teria uma pontuação mínima para aprovação como acadêmico. Então, em 2017 quando nós tivemos o segundo acadêmico, olha a distância entre a primeira acadêmica. Fazer essa documentação e termos o segundo candidato foram quatro anos, de 2013 para 2017. Um dos motivos pelo qual a gente não teve o evento em 2017 porque foi o aniversário de 127 anos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto então fomos todos para lá apoiar os eventos eu acho isso uma coisa muito

interessante da academia, ela não só apoia os eventos que ela mesma organiza, ela apoia os eventos de história organizados pelos nossos parceiros, pelos nossos membros da diretoria e busca inclusive não promover concorrência entre os eventos. Então às vezes falam que ficamos quatro, cinco anos sem o evento. Mas a gente ficou porque foi aniversário da EEAP, depois teve um evento na escola de São Paulo. Então a gente faz esse movimento no sentido de apoiar os eventos parceiros e também não criar uma concorrência para os eventos e colaborar da forma possível. Nos 127 anos da EEAP foi feita uma assembleia da ABRADHENSF dentro desse evento, então para você vê a ABRADHENSF não teve o seu evento mas ela teve um espaço dentro desse evento e inclusive, aconteceu no dia 29 de setembro de 2018 às 16:30h foi feita a assembleia geral da ABRADHENSF para investidura e posse do acadêmico. Isso foi transmitido online, eu por exemplo não pude estar, mas minhas duas mestrandas foram para me representar, para prestigiar nosso colega que foi o Osnir Claudiano da Silva Júnior, o nosso segundo membro investido. Então esse espaço foi muito importante. Nesse momento a gente já tinha aprovado as normativas para o acadêmico, ele foi aprovado dentro dessa avaliação e no momento tem sido desta forma. Os ritos, ele mudou um pouco da investidura porque agora você tem apresentação daquele que vai ser aprovado como acadêmico. Tem uma apresentação da biografia desta pessoa, do processo de avaliação por alguém da ABRADHENSF, geralmente uma pessoa que o próprio futuro acadêmico indica. Então tem uma apresentação das razões por que esta pessoa está sendo indicada, por que ela foi aprovada, como foi o processo avaliativo. Nesse caso do professor Osnir, salvo engano foi o professor Fernando Porto que fez a apresentação dele. Isso foi transmitido por Apear e agora a última indicação foi feita no dia 31 de outubro. Então você tem a apresentação do acadêmico e o acadêmico apresenta a biografia daquela que vai ser o nome da cadeira ou daquele que vai ser o nome da cadeira. Então a última sessão solene foi agora no dia 31 de outubro às 15:00h, aconteceu no auditório Maria Rosa Souza Pinheiro da Escola de Enfermagem de São Paulo e foi interessante que se manteve alguns ritos, alguns símbolos utilizados desde a primeira investidura. Essa coisa do traje talar, de transformar a cerimônia em algo mais ritualístico mesmo, cerimonial, eu acho que isso permanece, então todas as investiduras, as três investiduras e posses de membros como acadêmico houve o uso do traje talar, isso se mantém, isso é uma preocupação grande. A diferença é que na investidura do professor Osnir e do professor Genival Fernandes se optou pela confecção de uma medalha de acadêmico. Então atualmente nós estamos com dois tipos de medalha, medalha do presidente da ABRADHENSF e a medalha dos acadêmicos, eu acho que a gente até precisa pensar esta questão porque se a medalha realmente for um símbolo que vai ficar, que vai substituir por exemplo a capa que foi feita para a professor Taka, então a

professora Taka tem que ter uma medalha de acadêmico. Eu acho que de repente seja até mais interessante mesmo a ideia da medalha, não sei se posso chamar de medalha ou medalhão. O professor Fernando sempre fala “mas cadê o conceito”. Mas eu achei muito interessante e essa investidura dos dois já houve a apresentação, o uso do traje talar mais a entrega da medalha de acadêmico. E em São Paulo com o professor Genival foi da mesma forma. Então eu acho que são basicamente esses dois rituais que a gente tem. A gente tem o símbolo da presença da lâmpada, os protocolos agora eles estão mais organizados de como é que o ritual vai ser feito então ele está se mantendo da mesma forma e houve indicação de dois nomes que eu acho que neste momento em processo de avaliação e se aprovado agora em novembro nós teremos mais dois acadêmicos que foi a indicação do nome do professor Fernando Porto e da professora Almerinda. Eu fui a pessoa que indicou o nome dos dois, então nesse momento eles estão em processo de avaliação, pela comissão, dos seus memoriais e currículos, etc. Eu acho que a contribuição que a academia com a questão da identidade são os próprios estudos realizados e também a própria questão da história porque muito da identidade profissional que a gente tem hoje é reflexo de toda uma construção histórico-social da questão do cuidado que vem desde os primórdios da civilização. Então contribuir para essa identidade para inclusive eu acho que hoje nós temos uma identidade construída mas que socialmente ela está muito mais defasada que a sociedade não entende muito ainda a importância do papel do enfermeiro então eu acho que os estudos de história eles são importantes porque eles trazem essa visibilidade não só para a profissão mas ele mostra para a sociedade as lutas, as dificuldades que essa profissão teve para se estabelecer e conseguir ser a profissão embasada em ciência que ela é hoje. Então eu acho que a grande contribuição da academia justamente na construção dessa identidade, de trazer mais essa discussão à tona porque a gente fala muito do cuidado do outro. A minha aula ontem foi sobre a imagem social do enfermeiro e a gente discutiu bastante isso, que nós passamos quatro anos de graduação aprendendo a cuidar do outro, mas muito pouco se fala de cuidar da gente, cuidar da enfermagem. E eu tenho dito que fazer história da enfermagem é cuidar da enfermagem. É um cuidado que a gente faz com a nossa profissão, é fortalecer essa profissão, então eu acho que o papel da academia é justamente nessa questão do fortalecimento da identidade profissional, de dar visibilidade para esta profissão. Eu acho que a academia, em termos de extravasar as expectativas, os espaços têm sido muito na questão de estabelecimento de parcerias, então hoje nós temos por exemplo, professor Fernando e eu a gente compôs um grupo que desenvolveu a BVS de história da enfermagem. Desenvolveu não a gente fez um trabalho de assessoria para que a BVS história de enfermagem pudesse estar online. A professora Itáira que foi a coordenadora de todo esse projeto, ela não é da academia, mas ela

convidou membros da academia para compor. E outras atividades também de visibilidades, de eventos, membros da academia tem ganhado prêmios por exemplo em congressos importantes como o Congresso Brasileiro de História da Enfermagem e não só na área de história, o congresso de 2016 eu ganhei o segundo lugar de prêmio de Educação para uma proposta de ensino de história da enfermagem. Então é uma visibilidade para os trabalhos da academia não só na nossa área porque o pessoal fala assim “ah, mas o pessoal da história vai estar se protegendo”. Não, então os nossos trabalhos têm tido visibilidade inclusive em outras áreas com de Ensino. Essa questão das metodologias ativas é uma coisa que a gente tem trabalhado bastante e eu acho que o próprio reconhecimento do Cofen no patrocínio do evento do ano passado que é o nosso Conselho Federal de Enfermagem. Fez um patrocínio importante, uma parceria importante para o nosso evento da academia do ano passado. Estamos em processo de avaliação para possibilidade de um novo patrocínio. Então quer dizer o nosso Conselho Federal de Enfermagem reconhece as atividades da ABRADHENF como sendo importantes para a enfermagem enquanto sociedade, enquanto grupo, enquanto profissão. Então eu acho que esses reconhecimentos mostram o quanto esse trabalho talvez não tão visível ainda, mas que através das parcerias a gente tá conseguindo sim, como o Bourdieu fala muito, “se fazer ver e se fazer crer”. E aí acho que as nossas primeiras gestões tivemos um trabalho de se fazer ver, quem somos nós, o que estamos fazendo e agora nós estamos numa fase de colher estes frutos que é a parte de se fazer crer. Então as pessoas têm convidado a gente para parcerias, para falar em eventos que não necessariamente são de histórias. As publicações também ainda é uma área difícil, nós temos tido muitas barreiras de publicação da nossa área em revistas de enfermagem, então eu acho que o trabalho da academia vai se aprofundando neste sentido da visibilidade das nossas pesquisas, da nossa área, dessa importância. Então eu acho que esse trabalho coletivo mesmo que a ABRADHENF faz de certa forma que é um trabalho que vai beneficiar todos os pesquisadores de história, não apenas a ABRADHENF. A gente vê aí por exemplo no Brasil nós só temos uma revista especializada em História da Enfermagem, nós temos nos Estados Unidos uma importante que é A1 e agora nós estamos estabelecendo parcerias com o Instituto Bárbara Beits. Se tudo der certo e houver financiamento o pessoal vem para o nosso evento, então essa última etapa agora que eu tenho trabalhado bastante que é a questão não só da internacionalização porque a ABRADHENF ela já tem se internacionalizado para os eventos Ibero Americanos mas o meu trabalho forte agora tem sido no sentido de aproximação dos países de língua inglesa que isso é uma coisa que a gente ainda está trabalhando muito em paralelo e a gente precisa unir. Somos poucos mas somos fortes juntos, então a proposta é trabalho conjunto, integrar parcerias internacionais e os nossos eventos são um excelente espaço

para termos essas oportunidades e não só nós da ABRADHENF porque não são só os membros da ABRADHENF que vão usufruir da participação dos internacionais nos eventos é toda comunidade presente vai poder conversar com os palestrantes, trocar e-mails, possibilidade de intercâmbios. Então eu acho que às vezes inicialmente não é tão visível mas eu consigo ver essas repercussões, aquela pedra que você joga na água e ela vai formando aquelas ondas que vão se propagando, então eu acho que é isso, cada vez contribuir para o fortalecimento da história da enfermagem não só no Brasil, começar a fazer parcerias e que esse trabalho não seja mais isolado pela questão da língua. Vamos aí nem que seja com as traduções simultâneas, mas vamos aproximar nossa comunidade cada vez mais.